

Teresa Salema

O rosto riscado

Ficções



Lisboa - 2012

O rosto riscado

Ficções

Índice

Casa das Palmeiras	2
Lua de sal.....	10
Monólogo do barco em terra	15
O trajecto das asas	18
A cisterna	21
Correntes (A David)	24
As arcadas	27
Minotaurus.....	32
Agendas.....	36
Partidas (A Sophia)	39
Outro Onze de Setembro	41
Linha 33	43
O rosto riscado	47

Casa das Palmeiras

Chamo-me – Sonya. Venho por causa do anúncio.

Levanta-se e tenta levantar o corpo dela com a leveza que ela sempre tivera. Não pode acreditar no que ouviu nas últimas semanas, Marfa dizia que a hora ia chegar em breve, mas ele mas não desiste de ter curiosidade pelos murmúrios de Sonya, nas línguas ásperas que ela fixava no microgravador, quantas vezes clandestino, sem pedir licença. Lembra como a conheceu, como a manteve ali. Sonya ouvia e registava as exclamações nas línguas que conhecia menos, mas que ainda assim usava porque desfaziam o pudor, o limiar da inibição, porque a dispensavam de exclamar com voz mais directa. A sua frase preferida, nunca chegou a explicar porquê, era: *guarda come se è rovinato* – olha como se arruinou. Onde a tinha ouvido pela primeira vez? Parecia-lhe agora vinda de um écran, de uma página, e evocava tempos que só eram incomensuráveis na memória, objectos que tinham uma aura por já estarem gastos, arruinados.

Encosta-se à janela mantendo sempre Sonya aconchegada ao seu corpo, especialmente hoje que tanto precisa de protecção. Olha as palmeiras a cortar franjas ao sol, a linha firme e atlântica ao longe, por entre as colunas do alpendre. Quem mais, para além desta mulher, me chamará o Rei, fala para dentro de si, depois pega em Sonya com jeito, sobe a escada para junto de Marfa, deita Sonya na cama armada de ferro e sai a suar para limpar os óculos embaciados, enquanto Marfa se arrasta para as bermas da cama e principia a alisar-lhe os cabelos curtos, molhando as pontas dos dedos numa bacia à cabeceira. Estará inconsciente ou já morta?

O declive até às rochas e às ondas paga-se neste fim de continente, nota o Rei. Um vento tanta vez irrespirável, as arribas a esboroar-se ou a organizar-se em pedras que rolam, podem matar. Dias antes, mulheres da terra descreviam na padaria, com detalhes fibrosos, o tórax de um forasteiro que ao adormecer na praia fora esmagado por um pedregulho.

Mas ele tem de sair à mesma, fugir da doença letal, adiar, adiar. Abre com cautela um dos pesados batentes, ainda com o receio de despertar Sonya com a corrente de ar aos golpes nas portas, frestas e janelas, folhas de revistas, chávenas no aparador, manuscritos na sua mesa com emendas oblíquas a tinta verde, mobiles orientais nos

tectos que iam caindo e resistindo, escama contra escama, osso contra osso, peixes levíssimos. Sonya viva mais o olhar da corça muito próxima.

Sai para o terraço do alpendre, tem de proteger-se contra a poeira trazida pelas rajadas. Como decifrar as línguas nas cassetes acumuladas por Sonya, como impedir que Marfa as oiça, ela que de certeza entenderia porque até agora sempre soube decifrar todas as coisas, sempre metida dentro da mudez, das limitações físicas, da semiparalisia que contudo não a impedia, ainda, de andar erecta. E fora com esse argumento que ela, Marfa, soubera convencer Pedro e Inês a não mostrar comiseração mas a deixá-la ficar ali, na utilidade da sua perspicácia, acompanhando o Rei na casa da família que de outro modo seria abandonada, vendida, demolida? Mas tudo isso fora antes da chegada de Sonya, que parecia ter dado ali à costa para morrer.

Todas as conversas que tivera com Sonya apagavam-se agora á memória violenta das primeiras frases recebidas à porta da primeira imagem, o cabelo muito curto, o olhar inquisidor. Anúncio? Esse que ele lançara em velhos anos como um corpo estranho num jornal cooperativo, oferecendo alvíssaras a quem lhe trouxesse a miniatura de coroa com safira (falsa) incrustada, que deixara cair numa chuva de inverno e nunca mais recuperara? Lembra ainda como, a tremer de emoção, mandara sentar Sonya no grande sofá vermelho-sangue-de-boi no vestibulo, afastara os pesados reposteiros cor-de-vinho e desaparecera escadaria acima, saltando nas solas de ténis e desculpando-se com qualquer urgência, voltava já. Aquela figura espantada e frágil, que demorava tanto tempo a pousar, com cautela infinita, as bolsas que trazia aos ombros e a acomodar-se nas almofadas que mais perto encontrasse, que olhava, decerto sem entender (pensa ele agora) as suas reacções impetuosas – seria ela a trazer-lhe a coroa numa daquelas bolsas? Mas cruzou, na subida a três e três pelo lance de escadas, o olhar vigilante de Marfa, que nunca tivera o hábito de fazer perguntas.

Todos aqueles anos Marfa e ele jogaram o jogo das não-perguntas, dos não-comentários da ordem dos gestos. Quando os hóspedes rareavam, ela regressava aos teares e ele às sílabas, aos papéis meticulosamente ordenados na mesa do sótão, nem que fosse para nada escrever neles, mas já lá estava muita coisa escrita, desenhada e também deixada em branco. Marfa quase nunca descia a escada. Da galeria lá no alto, e desde que Pedro e Inês lhes tinham pedido que fossem olhando pela casa, mantendo os hóspedes agora só já com alojamento e pequenos almoços, desde a decisão que aqueles dois tinham tomado de emigrar mas não vender, de fugir a toda a espécie de neuroses

continentais, de escapar da piedade dos vizinhos por causa do acidente de Marfa, desde então ela vivia a ilusão de regente pobre e sentia-se soberana nas suas renúncias, deixando-o a ruminar frustrações depois de ter tentado em vão criar uma editora local. Mas não desistia da escrita, reajustava as linhas ao correr de humores cruzados ia a seguir carpinteirar, electrificar esquinas avariadas, reparar um canto do telhado. Deixava a mesa arrumada. Assobiava muito, e por entre os assobios que chegavam aos ouvidos de Marfa, apurados na sua estreita mobilidade, dava a entender restos de melodia já sem grupo coral, nem guitarra, nem amigos próximos à roda da fogueira. Mas se Marfa lhe tolerava as modulações da voz, do silvar, nunca teria suportado ouvi-lo desafinar um instrumento. E voltava ao tear como quem se sentava junto de uma marimba silenciosa.

Como a admirava, como a temia. Essa Marfa que precisava dele por ter o fémur fora do lugar, que o servia com a mesma facilidade e soberba com que aprendera a língua da terra, rindo-se dos próprios erros à lareira de Inverno com Pedro e Inês; essa Marfa que ficava longos minutos presa em conversas de mercado, que usava o que sabia e não sabia da língua para negociar os melhores produtos, para organizar ajudas materiais que iam beber às estruturas das famílias. Fora graças a ela, essa estrangeira, que Pedro e Inês tinham conseguido uma ilusão de serem aceites, mas por quanto tempo? E que seria dele sem a sua tecelã? Nem ousava perguntar.

(Na primavera passada, ia fazer um ano, fora ele que a levava, num carro emprestado alegando uma emergência hospitalar, a abortar à cidade mais próxima e ela saíra de uma porta indistinta poucos minutos depois, amparada por uma rapariguinha jovem, tipo árabe azeviche, que a ajudara a sentar nos estofos do carro. No silêncio da estrada, enquanto ele conduzia devagar pela falta de hábito e para não ferir ainda mais essa bacia magoada, ela disse-lhe que entendia o consolo de muitas mulheres nos subterrâneos, onde podiam manejar à vontade crítica e ternura, voz velada e fatalismo. Apesar de tudo, rematou, não eram mais do que antecâmaras da morte e aquela clínica clandestina arrepiara-a com os seus odores assépticos, os instrumentos de metal frio sem anestesia para além de um comprimido forte, panos brancos, luzes de foco directo por detrás de gelosias corridas.)

Marfa devia estar agora a ajeitar o cabelo de Sonya, aproveitando a sua posição inanimada.

Porque tenta agora lembrar, inutilmente parece-lhe mas não deixa à mesma de tentar, há quantas semanas aparecera Sonya, nessa tarde em que parecia ter toda a luz diante da

porta e provocou aquela confusão de anúncios, Sonya jurava que era aquela a morada e que alguém pedia uma pessoa para se encarregar de uma pensão. E ele abafou a sua estranheza porque fazia parte daquele fluido de luz, de cheiro a castanha verde, a atmosfera que prendia os dois e onde estava Marfa naquele momento? Acendeu os candeeiros baixos e aceitou aquela cumplicidade, sem saber como iria acabar, se iria acabar. Contou-lhe do equívoco, do outro anúncio, da perda dessa jóia de família. Era mesmo valiosa? Não. Então porquê? Porque era a herança da avó e além do mais ninguém a avaliara realmente. Nos tempos em que o pai de Pedro fazia reuniões clandestinas lá em casa, a coroa era exibida como uma relíquia estimada da classe inimiga que um dia seria destronada. A própria família portanto, perguntara Sonya, incrédula. E era mesmo uma coroa? Sim, e depois. Nesses tempos a pensão existia e cobria muitos encontros secretos. Passeava-se no jardim das palmeiras e depois vinha-se tomar chá para debaixo do alpendre das colunas, quando não fazia vento. Subia-se aos quartos arejados, fechava-se as persianas verdes, elas não aparavam o vento que cortava do oeste, mas faziam-no gemer, criavam um lugar de cenário. Tudo coisas que ele imagina porque não tinha estado lá porque dera o salto, fora criado em restaurantes, estudara, fora pedreiro, aprendera línguas, fora para as ruas por causas diferentes e depois, muitos anos mais tarde, trouxera Marfa.

Sonya disse que não gostava do nome dele e pediu-lhe licença para tratá-lo por Rei.

Um telefonema de Inês, estranhamente a meio da noite, pediu-lhes que cuidassem de Sonya, que a deixassem acreditar em todas as fábulas, que ela estava muito doente, que seguiria carta, carta que nunca chegou. Em todo o caso era fábula contra fábula, a crónica feita da pensão familiar contra a crónica por fazer de anos de resistência. Ficava a doença como única realidade e aos poucos o quarto de Sonya ia-se enchendo de materiais de ligamento, cheiros de farmácia. Marfa ainda sorria e cozinhava, mas ia-se tornando cada vez mais muda e não lhe fazia perguntas quando ele vinha da cabeceira de Sonya. Não havia nada a fazer. Apenas vigiar e contar mais histórias. Marfa refugiou-se no quarto dos teares, acabou por se fechar fora das horas de alimentação e conversa de manutenção quotidiana. Durante muito tempo, Sonya levantava-se meticulosamente, cuidava da sua ossatura frágil, caminhava devagar como se tivesse todo o peso do mundo nos olhos de veludo escuro, nas bolsas que transportava juntas ao corpo mais a carga de cassetes e comprimidos, naquele tempo ele achou avançado o modelo de microgravador para o qual ela falava, na concha da mão, como se quisesse contar a história toda de uma casa talvez condenada a morrer pouco depois dela.

Lentamente, o Rei começou a imaginar o regresso com Marfa ao país de origem dela. Por que razão deveria ele ficar ali, se os primos Pedro e Inês, que ali tinham praticamente nascido e tratado por tios todos os hóspedes da avó, estavam agora não se sabia onde, desde que ninguém soubesse que eram irmãos? Mas Sonya, como deixá-la antes de – interrompe-se. E com ela ia recriando cenas reais e inventadas, estavam horas à luz baixa da noite. Começavam por contar histórias com voz velada, idas e vindas, convívio de hóspedes, a época alta que era também a mais ventosa e tinha muitos nevoeiros matinais, aí onde os meninos da casa gostavam de brincar aos adultos e lhes pediam charadas difíceis. Nas raras noites em vento, os jogadores de canasta no alpendre sopravam o fumo do cigarro contra as nuvens de mosquitos, à luz da lâmpada verde. Enquanto trocavam informações de bastidor e se espiavam, as senhoras subiam aos quartos para irem buscar écharpes ou casacos de malha.

Sonya já não teria tempo para acabar o livro que trazia gravado. De qualquer maneira, dizia, já não havia tempo para fazer sair do gravador para o papel aquilo que ela tinha imaginado como crónicas de um mundo em decomposição mas para ela nem por isso menos vivo. Agarrava-se às longas conversas de serão enquanto Marfa cumpria circuitos madrugadores. Depois foram às respectivas infâncias, o talismã secreto daquela coroa, o avô por fora na Marinha, o pai e o tio ausentes em militâncias diversas, os primos-gémeos, a voz da mãe com as suas seduções para os hóspedes e que o iniciou às lengalengas mitómanas. Aí parou. E ficou sem saber nada de Sonya e agora Sonya está lá em cima, talvez já sem vida e é Marfa que cuida dela, como sempre fez com tudo e com todos, sem amargura.

Nunca a levou à praia. Também nunca a levou ao médico. Nos últimos tempos havia um prenúncio de primavera que fazia antever um Verão descarado e morno. Desculpava-se com os labores da casa mas Sonya sabia como tudo era lazer, pois era Marfa que mantinha a funcionar os ritmos alimentares, enquanto ele inventava reparações e jardinagens. Nunca lhe perguntou se queria ir à praia porque isso equivalia a falar de uma doença que estava ali, que todos viam, com que todos lidavam mas de que não se falava. Ao ar morno, os grupos de jovens chamavam-se, cantavam da parte de fora do gradeamento. A praia estava ali, mas ele sentia que ir à praia seria quebrar o pacto silencioso que tinha com aquelas duas que também não pisavam a areia. Uma noite, aproveitando uma pausa de Sonya nas gravações (era ele que lhe ir comprar cassetes), olhou para ela à espera de lhe adivinhar algum pedido. Folheava revistas que a avó colecionara e de repente sentiu o cheiro das camarinhas nas dunas, lembrou-se

das correntes na lagoa quando a desassoreavam, das algas, dos animais incrustados nas rochas, do pé humano que um dia apareceu já desfibrado e branco, entre as saliências rochosas e as conchas frágeis que as marés partiam. Esperava mantê-la à escuta, com um relato detectivesco sobre alguém incómodo ao regime e que fora ali assassinado, desmembrado, enterrado fundo na areia (o caso só se esclareceu muitos anos mais tarde). Para mantê-la à escuta, viva, buscando com todas as pontas do corpo a posição mais cómoda, ele inventaria todos os pedaços de puzzle que se ajustassem àquela história inicial, que contudo era verdadeira. Como a sua nostalgia súbita da praia.

Surpreendeu-a numa tarde sem se dar a conhecer, Sonya não o via e estava de repente a falar português para a concha da mão. Aguentou a posição incómoda do outro lado da divisória, a mudez da respiração, o voo das moscas, a poalha luzindo às colunas de sol, um batente mal seguro num ponto qualquer do primeiro andar – era a hora da sesta de Marfa. Nessa mesma manhã, encontrara no tecto fendas que podia agravar para dizer a Pedro que eram necessárias obras maiores do que os consertos manuais que ele podia fazer. E assim se adiaria a reabertura da pensão por uma ou duas estações, e assim se faria um pouco de história social e geografia particular, e assim poderia tentar uma vez mais criar a editora local. Marfa estaria mais recomposta.

Sabia também que se telefonasse para o sítio onde pensava estarem os primos que devia ser Inês a vir ao telefone para responder num tom de doçura incómoda, como quem espera que regresse o reflexo de águas lisas depois de ter afogado alguém no mesmo sítio. Voltaria a recomendar-lhe que olhasse por Sonya tanto quanto Marfa a tolerasse e ele responderia como sempre *no problem*. Ela vai aí, atenção, tem influência embora seja doente incurável, atenção, é preciso contarem-lhe o que sabem e o que não sabem se quiserem promover a casa. Sonya ditava, falava furiosamente tardes inteiras para a concha da mão, noite adentro, e era isso mesmo que o exasperava, reconhece ele agora, essa torrente de palavras que nem sequer podia verificar se tinham ou não qualidade mas que ela parecia não ir buscar a nada nem a ninguém e de que parecia igualmente querer-se livrar, de voz velada, antes de morrer, esse fluido que nele tinha secado ou tomado outros rumos, a habilidade para cruzar fios eléctricos, cimentar um muro, suturar uma liga metálica, insinuar-se em figuras estranhas à distância decente de Marfa, em todas menos Sonya.

Precisava de uma aguardente.

Um dia sentou-se na parte de fora da porta a ouvi-la ditar. Sonya parecia falar para um público invisível, como se tivesse a sala cheia de hóspedes, encostada nas almofadas do sofá. E ele, de músculos doridos e a pele violentada pelo sol, abraçado aos joelhos, escutava essa voz funda e rouca, o tom de quem reza, ralha e espera ao mesmo tempo. Não entendia uma só palavra mas tão pouco se atrevia a desviar-se um milímetro da fresta entreaberta por onde se torciam correntes de ar. Veio-lhe de súbito à ideia que poderia não ser um livro o que Sonya fixava ali com teimosia, mas uma longa carta apaixonada. A quem? Como um menino de coro apanhado no antegozo de uma falta, bateu as solas dos sapatos contra o chão, tudo fazia então sentido naquele cenário, tinham sido Pedro e Inês a deixar aquela mulher dar à costa na antiga pensão.

Estava cercado. Pela autossatisfação seca de Marfa. Pela condescendência ambígua de Inês, ainda jovem mas já tão matriarca e herdeira da casa e das palmeiras. Pelas obsessões secretistas de Sonya. Condenara-se a si próprio a extinguir-se nessa costa, a desaparecer com as nortadas antes de escrever sabia lá que história, enquanto Marfa ia tecendo, Pedro e Inês enriquecia lá longe e pouco se importava com a herança e Sonya – que fazia Sonya senão agarrar-se ao fio de voz enquanto lhe restava respirar? E ele? Sentia-se incapaz de criar mais uma lenda nova, de a fazer render pondo as figuras a peregrinar antes de tocar com a vara no chão e dizer que ali havia um filão de água.

Sonya parecia não se incomodar quando o via, melhor, quando ele contornava as portas entreabertas e se sentava à mesa redonda, perguntando-lhe se a braseira acesa estava bem assim. Ela reclinava-se no sofá e mostrava os pés miúdos em meias de lã grossa. Parecia agora cada vez mais frágil, mais pele transparente, olhos cinzentos que abria e fechava com nervosismo, dizia frases soltas em várias línguas, algumas coisas ele percebia como a alusão ao que ela chamava complexo de Carmen, o jeito de afundar-se numa história contingente mesmo se o futuro é incerto. E ele a lembrar Marfa lendo revistas em voz alta e rindo com as variações dos que se juntavam e separavam. Ou o quadro de um pintor, esqueceu o nome mas não a cor nem como ele juntava todos os sistemas de luz, fulgires do sul e do oriente mas também a palidez penetrante do norte, toda a ânsia contida numa moldura de janela, à espera, à espera, por detrás de uma fachada branca que ainda não era a das Palmeiras, que veio a desbotar primeiro, um verde cipreste junto à estrada, um templo romano ao fundo, os cavalos atrelados mas aguçando as patas para um trote adolescente. Paisagens imaginadas e nem por isso menos verosímeis.

Abre a porta para o alpendre e ouve lá em cima um canto sem palavras, como se Marfa quisesse embalar Sonya e libertar com isso melodias próprias. Desce a estrada ainda quente ao sol. Sonya está lá há semanas ou meses? Não tem família que venha reclamar o corpo?

Precisa de caminhar, com os sapatos leves que comprou para iludir os ouvidos de Marfa – para quê se ela nunca lhe fazia perguntas? Talvez nunca venha a sair dali. Só lhe resta acreditar que um dia próximo, por entre recepções de balbúrdia balneária na Casa das Palmeiras, por entre reclamações por um jantar mais salgado ou um lençol mais sujo, se não-de acumular os momentos sentados ao bar aos da salinha por detrás da entrada, aí onde espiou Sonya com o labirinto da orelha na boca dela, se pudesse, com uma inveja que era um contágio de paixão.

Corre pela estrada abaixo. Imagina o que Sonya terá dito ao microgravador. Um dia entenderás por que saí daqui, desaprendi a língua, desfiz expectativas falsas, recomecei contra todos os medos arcaicos, recaí. Apetece-lhe fugir para a capital, procurar Pedro e Inês que são a última família que lhe resta, subir a escada para dizer a Marfa que logo volta, mas não. Nos seus desejos de fuga nunca foi cruel nem abandonou Marfa nos momentos penosos.

Sobe uma brisa húmida. Ia jurar que o mar está gordo para os pescadores, pensa entes de dar meia volta.

Lua de sal

Olhou a parede pintada a óleo de céus, por cima da cerveja, e engoliu um trago longo para conter a onda de fúria que lhe subia, às golfadas, - Grande cabra.

Surpreendeu-se pela voz de raiva que não chegou a sair dos interiores, pelas palavras silenciadas contra a rapariga que a empurrara levemente à passagem antes de sentar-se na mesa do lado e continuar a rir com o grupo.

Acercou-se mais de David, que ia contando como quase fora vítima de um atentado, vinganças de família no verde escuro daquela ilha em que nascera, para ela desconhecida. E a fuga aos perseguidores pela marginal, forçando o vento e o volante e a caixa de um carro utilitário. Ouvia David contar, voz arrastada pela cerveja, filtrada pelo fumo, e mais se surpreendia com a cascata subindo, tornando-a mais surda aos sons volteados na boca do homem, mas menos cega ao pestanejar dos olhos cor de mar calmo.

Suavam em redor vozes de carnaval, dançavam entre luzes foscas, para além das mesas desengonçadas com pernas de mosca metálica, - Estive à morte depois do acidente.

David falava com lentidão: dias de coma reunindo no pequeno hospital a família espalhada pelo arquipélago, pela construção de estradas, pela administração de brumas, pela criação de vacas, por ponteiros, paus de giz, por testas que sonhavam a travessia atlântica para se juntarem a primos emigrantes.

- Foi quando o meu irmão mais velho se envolveu à pancada com um arrependido, que tinha tido a ousadia de ir ao hospital perguntar como eu estava.

Um volume vivo e cinzento sentou-se de repente à mesa de ambos, encostou-se à moldura da parede, amarela em baixo e azul a subir para o tecto, donde pendiam lâmpadas nuas. Levantou a cabeça e gritou para o balcão onde as transpirações pausavam dos ritmos sincopados, - Outra cerveja, bem fresca.

Daniel estava na terra havia dez anos, conhecia todos em volta, distribuía frases. Estava ali como quem se sentava no escritório por detrás do adro da igreja, transformado em parque para automóveis que galgavam todas as superfícies, todo o pavimento aberto aos céus e às copas das amoreiras, agora com rebentos à chuva, - Mais duas, por minha conta.

Tinha-lhe nascido uma filha, Fátima também. Razão para deixar correr todas as águas, do riso, da frase, da espuma, das moedas. E diante dessa irmandade escolar, de raízes

insulares e persistentes, entre David e Daniel, entre o homem de voz arrastada que ele conhecia apenas há três dias e o pai estreante, restava à Fátima adulta concentrar-se noutras linhas de mira dentro da sala, fixar máscaras de cartão e pele que dançavam de orelhas a abanar. Trajes improvisados, meias enfiadas no cabelo, bexigas de cores no nariz, asas de fibra imitando mel translúcido, calças cortadas às tiras, faixas árabes torneando cinturas masculinas, chapéus sobre bigodes, gravatas em torno de pescoços de rola-fêmea, fatos severos pendurados em ombros frágeis. Dois rapazes de jeans enlaçavam-se ao ritmo. Também se agarravam mulheres e dançavam gorduras, cozinheiras, vendedoras. Troncos velhos com filhas da terra, a chuva caía em bagos nas telhas de zinco, nos alpendres, nas pedras calcetadas do adro ali em frente da janela, no cromado dos automóveis estacionados nas frestas ao acaso, para se unir em riachos e deslizar pelo asfalto íngreme.

As cinzas principiavam a arrefecer, a misturar-se com líquido entornado. Fátima não sabia o que a retinha ali, na véspera de um passeio guiado pela costa ocidental, organizado para os participantes do colóquio. Solícito, David oferecera-se para acompanhá-la ao hotel onde estavam instalados todos os congressistas menos ele, por cima de ondas bravas, fora de estação. - Antes de ir para casa do Daniel.

Frisara David, eco agora inútil de ancestrais convenções. E tentara saber o que ela não contava de si na sala do baile, adivinhar-lhe anéis, fotografias da memória, planos próximos. Daniel saíra já. O grupo ao lado inclinava-se; a rapariga de cabelo escuro e curto, gelatinado, voltou a passar em cabra-cega mas não recolheu desta vez a fúria de Fátima, nem quando se perdeu em exclamações para os companheiros de mesa, subindo a agudeza da voz. David seguia-lhe os movimentos. Casarás com uma súbdita do teu reino de palavras frouxas, deitar-te-ás em hábitos de pele, pensou Fátima sem saber se acabava de proferir maldição ou profecia mansa, verosímil, um eco brando da sua surda raiva contra o género feminino. Olhou as mãos dele, cruzadas na calma de quem tem tempo incontável. Lembrou-se que não haviam dançado, estranhou a paralisia de gestos, a hesitação em enectar um passo na pista moída pelos pés que já principiavam a ausentar-se, e hesita em aproximar dedos, em dirigir ambos para a chave de um quarto balanceando no latão de um número.

Dos outros congressistas, algumas direcções entrarão na sua agenda; receberá detalhes biográficos, anedóticos, profissionais. Vai rever amanhã, no autocarro que vem buscar o grupo no hotel às nove, o farol extremo ocidental, vai fechar os olhos para reouvir o pio

salgado de gaivotas, vai reabri-los para sorrir ao interlocutor estrangeiro, o sociólogo alto e jovial, de cabelo grisalho encaracolado, que se sentará à sua esquerda no banco, a mão na lente fotográfica. Já declarou no secretariado que sim, que vai à excursão facultativa, às paragens conhecidas de cor, e falou com a calma de quem se entedia ou encobre propósitos sacrificiais.

Passará por entre pinheiros torcidos ao vento atlântico, sairá das aldeias costeiras para respirar ares salinos, perder alguns sons sobre teatros de casinhas brancas e ingressar na modorra da tarde, depois do almoço algures a leste das ondas, a essa hora em que os congressistas mais idosos deixam pender a cabeça para trás e os menos jovens improvisam considerações sobre intercâmbios culturais, como se quisessem a sério inventar novos fôlegos, experimentar outros ofícios, manusear bilros por exemplo, fazer renda branca nas portas rasas à terra, esquecendo relógios e megabytes, guiando-se por marés de pescadores.

Descem do cenário de carnaval, garrafas e cascas, rótulos, calendários no princípio do ano. David roda a chave de ignição emprestada por Daniel, enquanto os últimos vivos, pares que restam, abrem chapéus de chuva e abas de casacos ao pó molhado da noite, - E você?

Tão fácil pôr qualquer resposta em movimento, pousar os dedos num princípio de corpo, unhas a milímetros da nuca, espiral de gestos de iniciação, jogo diplomático de respirações antes da rendição mútua, de duelos contidos, linhos húmidos na vitória do sono. Nada a temer para além da petrificação das falas, corrente penosa ecoando nas lajes depois de os sons terem escorrido em cenários de dança, horas, pelas epidermes. Nenhuma ameaça de guerra ou proposta de paz precária, fome de moscas ou tráfico de droga, nada facilita ou impede a liberdade de um levíssimo desejo, entreacto previsto na voragem, parcela ímpar e passa, - Volto já.

Tudo permitido, incitado. Falar com frases circunstanciais, cruzar mãos trocando nomes falsos. Como outrora os presentes atirados aos escravos pelos senhores, em condescendência por aqueles que afinal tinham mais o dom do tempo, da matéria, porém não da vida, nos degraus térreos. Que voz a avisa, impulsiona para a frente, para uma escolha cega e surda entre vertigem e asfixia?

Costas incrivelmente direitas no espaldar do autocarro, a norueguesa Imma narra-se com gentileza, pagem embranquecido. Só por acaso soube Fátima do livro de poemas da sua autoria, traduzido para o inglês e falando de noites apenas dormidas, de vinho nunca bebi-

do, de rugas traçadas na tábua de um rosto durante décadas, à espera vã de sensações até se contrair em pergaminho, irreversível. O vento concorda por instantes em afastar as nuvens do sol, bálsamo para os nórdicos dentro do autocarro. Suspira-se de alívio, depois de uma véspera de chuva. Adivinha-se a rebentação forte cem metros abaixo, a pique, - Não me apetece dormir.

A lua cheia entra, salina, pela vidraça entreaberta. Parou de chover e ela recusa correr as cortinas, senta-se, olha para ele à distância de um murmúrio. Respiram-se e nada mais têm, lábios secos, silêncio de pálpebras, avariado o frigorífico do quarto, abandonado à estação baixa, às miragens atlânticas que se prolongam numa ilha aonde Fátima pensa ir, agora ou algures no tempo em que a mão dele a percorre, se mergulham, tépidos, - Take care with the steps.

De um lado Imma, do outro o sociólogo Joseph Brrr..., consoantes impronunciáveis desse autor nas horas vagas, literatura infantil. Espiam-se, sancionam-se, reafirmam-se, os três. Como apreciou, diz Joseph, a comunicação de Fátima na véspera, já não a conhece apenas pela vista que se reparte entre horizontes de rochas oceânicas e os distintivos com os nomes que todos pregaram, obedientes, às gabardines de vento. Joseph pergunta detalhes acerca do sistema de ensino, das aulas de religião, facultativas? - Oh my god.

Não sabe porque deixou fugir a exclamação que pode paralisar dedos e boca e corpo do antigo aluno de colégio de padres, agora que David se aninha e busca, pestanas cerradas, a protecção suspensa da cumplicidade. Porque soltou tais sílabas, não sabe e sente-se acordada num fluido irreal, roga que venha um sono doce, sonho, não a fala, - Que me aconselha comer?

Atravessa com olhar de cronómetro o recipiente de vidro onde se movem pernas, antenas, carapaças de crustáceos, lentas no mundo líquido. Duas palavras bastam e ela antecipa a morte de um deles, balanceado por instantes na rede, logo baqueado para a panela a chiar de fervura. O fundo indistinto das vozes, o esverdeado das luzes, absorvem o que Fátima agora vê como esforços empenhados de Imma em direcção a Joseph, tentando apeá-la do jogo. Poker de congressos, quase inevitável, com momentos de feroz civilidade. Mal sabe Imma que o jogo não lhe interessa, que apenas sente piedade imensa por todos os animais entregues à voracidade de um flirt que se quer sublinhar com comida atlântica. Afinal não, os olhos azuis de Joseph confessam serem vegetarianos e Fátima afunda-se, alívio reforçado, na carta dos vinhos da região e escolhe uma marca que essa sim, precipitará os desafios, tinto de fogo amansado com sabor de veludo e papéis velhos em repouso nas bibliotecas, entre a lareira e globos terrestres, - Que faz nas férias próximas?

Já esquecia que David, antigo aluno de jesuítas, não trata ninguém por tu. Ainda vem longe o Verão, pensa ela -

Recua um passo antes de sair da sociedade recreativa onde morre o baile e onde eles vieram apenas conversar, longe dos outros congressistas, não sei dançar, confessa David, é grave?.

Decidir se prolongarão essa fuga para dentro das horas da excursão, no dia seguinte, para ficar no quarto do hotel, largando-se à surpresa ou ao desencanto, ouvindo as ondas num horizonte cego, enquanto os estrangeiros cruzam ventos finisterrenos, se compadecem com lagostas, hesitam entre cerveja e vinho da região, traduzem citações conhecidas e pratos da ementa, comentam a falta dele e dela, ou não,

Fátima pára à porta do baile. Tudo por decidir. Daniel levou o único chapéu de chuva disponível num raio de quilómetros, em troca da chave do jeep cedida ao amigo.

Sente desejo de desafiar David para um passeio antes de entrar no carro, todos dormem, fechados os carnavais,

Hesita ainda antes de iniciar com ele a travessia curta, de renunciar ao autocarro costeiro, aos turistas-congressistas, às pequenas falas, à morte das lagostas, à humilhação diante dos mendigos garotos e dos estrangeiros, à atenção pelas marés e casas caiadas, à piedade por todos os bichos do mundo, ao arrependimento por recusar a noite com David, a lua entra, grávida de sal, no quarto escuro.

Monólogo do barco em terra

Quem aposta?

Terei de cumprir um destino forçado a estradas inseguras, as únicas possíveis de traçar num oceano que desde sempre me pareceu viscoso, uma massa alguenta e carnuda, de fundo pantanoso e cheio de monstros com bocas de ventosa? Onde a apregoada leveza do sal e da espuma, o que anuncia afinal o pio das gaivotas?

Dentro de poucas horas chega essa carga dolorosa, supostamente de enriquecer – dizemos nós porque ela permanece bruta. E tenho de a fazer passar por fronteiras secretas, de ganhar com ela porque só então poderei enraizar-me, ver crescer as sementes quotidianas, à custa dos vícios alheios. É isso mesmo que desejo, até à lassidão? Permanecer, deixar-me ficar, ligar as últimas câmaras de imagem e som num quintal seguro, responder por monossílabos entre os estofos, as plantas, o gelo nos copos?

Deliro?

O destino que alguém quer fazer-me cumprir está ainda incerto e diluído, como se esperasse que eu cruzasse as rotas para as desenhar nos mapas. Pressionam-me com decisões. Não sabem que o verdadeiro acto heróico é deixar que tudo se abata sobre o sonho de grandes horizontes, que se destapem as velas enfunadas das ilusões, que se pacifiquem os cavalos bravios de madeira sobre as ondas e que se transformem em plantas que respiram pelas raízes, finalmente ancoradas na terra e no tempo?

Deixem estar as árvores. Não me construam. Querem uma história para se irem entretendo? Seja.

Só que não posso retomar a máscara de pele ingénua e dura, gretada de sol, os olhos semicerrados a tudo o que me desviasse da meta, dessa cenoura de ouro na ponta do pau, cada vez mais longe. Detesto navegar. Se o faço é apenas para não ficar aqui a vegetar sobre os detritos e o betão, cada vez mais betão, não me construam. Para não ver o ventre da minha futura mulher dissolvido num líquido bem-estar que parece alimentar-se de ciclos e abafar as perguntas. Parece – porque quando levanta os olhos e quer romper o pacto de silêncio, sou eu que vou responder-lhe antes de a ouvir perguntar. É a ela que conto variações da história tantas vezes repetida, só para acabar com os mitos de há séculos, com esses barbudos de esterco e suor incrustados nos

flancos, a passarem meses com água só para beber, arrancados à certeza das mães e às promessas das noivas. A sua grandeza, sempre posterior, sempre póstuma, foi insuflada pelos defeitos físicos, pelo spleen e pelas falhas genitais dos poetas. E também pela mente electrónica dos historiadores, ávidos de instalar-se em qualquer lacuna documentar, com um horror ao vazio que os leva a alapar-se em qualquer mancha de informação e a sufocar com isso a beleza do significado errante, apenas adivinhável.

Mas sinto que mais uma época está a chegar ao fim, nem que seja para as nossas cabeças classificadoras. A madeira sobre a qual trabalho vai-se tornando cada vez mais rara, substituída por portas e janelas sintéticas. Não lamento, não apodreço. Os navios que me saem das mãos, nas raras horas de lazer, são preciosas miniaturas daqueles que os barbudos outrora montaram para escaparem às entranhas do dia, aos dentes podres das mães, para poderem ver-se a sós com o vento salpicado, numa irmandade de palavras rudes e escassas, de termos náuticos, num extravasar de sonhos libidinais, a roupa colada pela transpiração salina, a garganta seca e ardida de obsessão, os ossos mantidos na vertical por visões temerosas, por écrans místicos na retina, por desafios a avançar para não morrer. Mas os barcos que moldo só adornam a superfície das salas.

Posso não ir daqui a bocado à estação e com isso dar outro rumo à história.

Posso fazer melhor do que isso. Em vez de esperar quem chega e recolher em segredo a mercadoria que o olhar policial espera encontrar sobretudo em zonas metálicas de aeroportos, posso escolher uma terceira via, nem mar nem terra. Posso atirar calças, roupa interior, escova de dentes e camisas para um saco leve, comprar um bilhete, navegar atrás da locomotiva lenta, por pinheiros, estações de palavras cruzadas, dormir ao soluço das rodas nos carris e assim ignorar o dilema que me quer obrigar a escolher entre a minha futura mulher e a mercadoria. Parar quantas vezes quiser no ferro e alcatrão da noite espanhola, cortar a neblina basca, chegar à casa de Claude, impregnar-me de *boulevards* e *bistrots* e *bouquinistes* e voltar a esta mesa.

Tudo apenas adiado mas não anulado.

Nomes? Nada dizem e apenas complicam a história que já me vou esquecendo de contar. Mas também me falta motivação porque me sobra finalmente tempo. São três da tarde, o ar não pára de aquecer e a esplanada fica mesmo aqui em baixo. Os plátanos cozem, com a seiva na ponta das folhas, convidam a ficar por aí, de mãos mortas e olhos de vidro, ignorando os calos que eu devia ter tido noutra encarnação quando subia aos mastros para segurar o cordame.

Quero dizer que não mas a obsessão continua. Conseguirei alguma vez desistir do leme? Deixar de espiar o largo das praias, de negociar com as túnicas? Apetece-me apenas despertar a camisa, arregaçar as mangas, inclinar a testa para ver melhor as palmeiras, o monumento aos mortos da guerra que só se vislumbra do canto direito da minha janela, tudo o que nasceu antes de mim e vai ficar para sobreviver-me. Como talvez a minha história.

É possível que essa história continue a suspirar pelo sopro de uma caravela, mas sou eu que a quer fazer passar por Heila, essa importação do norte que um dia me provocou à sombra de um chapéu de sol. Ela ia acompanhada e eu também e azedámo-nos na luta por uma mesa livre, para ganhar a maior sombra. Perdemos os dois, perdemos os quatro porque afinal a mesa não ia vagar, o casal que estava sentado apenas num canto estava à espera de amigos, que me pareceram tão incertos como o cabo das tormentas, mas que importava para a humilhação em línguas emprestadas.

Dias depois encontrámo-nos numa paragem longe da casa onde eu morava e do albergue onde ela estava, a conversa foi curta, com frases destinadas a preencher uma zona de tempo, o átrio da delicadeza e da inibição, o corredor sem fundo de espera até à perseguição dos corpos.

Vou à estação esperar Heila. Já estou atrasado. Ao diabo as histórias policiais que nunca foram muito convincentes.

Calo-me quando deixar de haver história para contar, apenas um odor de pétalas secas, a lassidão de membros espalmados. Uma parte de mim lamentará sempre, sem cinismo, não ter aquela coragem de quem cavalga a via marítima, de quem pretende dominar com fôlego os arcos tensos, insuflá-los pela paixão e pela carência, por um defeito físico que prende o poeta à casa e o leva a idealizar os navegadores barbudos e sujos e analfabetos, a saudade do horizonte largo que torna personagens em deuses, a vontade que desenha figuras destinadas aos livros.

O trajecto das asas

Oscilam os juncos, arrepia-se a superfície do lago com a brisa repentina, as mãos cruzam-se sobre os bafos que se querem a aquecer. O lago é artificial, vê-se um pouco do plástico negro no fundo mas os peixes dão-se bem e as rãs voltam sempre.

Para onde foi Tobias.

Ninguém sabe no primeiro instante. Uma voz grossa diz que o viu dirigir-se, guitarra na mão, para os lados do celeiro velho. Os cotovelos encostam-se à mesa improvisada, as facas partem pão, as mãos entornam álcoois. Victor, que fizera a pergunta, ajeita na grelha a carne sacrificada ao carvão.

Terá de esperar pela segunda volta, diz. As costeletas já estão quase prontas.

Pousa o garfo, limpa as lentes redondas nas fraldas da camisa.

Dêem-me os vossos pratos.

Li aproxima das brasas o perfil escuro e estende dois círculos de plástico. Bem grelhado para Laze, sublinha devagar como se caminhasse pelas palavras como por um terreno escorregadio, o da língua anfitriã. Ou como quem sobe uma ladeira a custo. A brisa levanta-se entretanto em vento, agita roupa na corda, junta nuvens densas de chuva, mas ninguém se desvia nem diz nada porque é tempo de grelhados. Ninguém faz um gesto para apontar a mesa grande que podia acolhê-los na cozinha.

O escultor continua a picar pedaços quentes da grelha para os plásticos e Johann propõe um brinde. Fora da cerca, faróis tateiam caminho a motor pelo piso irregular que só vai dar a algumas casas, passam de perto e varrem o grupo de luz, iluminando de pálido as cabaças entre a roupa estendida e o pequeno lago oval, recém-plantado junto à casa.

O pintor afasta-se um pouco dos gestos da mulher que se exercita em proibir-lhe mais álcool e lhe retira, já sem precisar da ginástica da língua, a nova garrafa de cerveja. Laze tenta defender-se, estende a mão para a cerveja, três braços envolvem-se em espiral, a espuma salpica o ar ali longe do mar.

A luz dos faróis seguiu para leste, varrendo choupos. Li continua a rodear o marido com o riso gutural de quem está determinado a criar novas raízes, a estender tecidos terrenos, a pendurar nas paredes um nome de casada.

A terra prometida, again and again, pensa Gah. Aterroriza e fascina a fluidez maternal daquela criatura vinda de uma orla da Europa, em troca de uma garantia de sedentarismo nas areias de Brandeburgo.

Para onde terá ido aquele automóvel, interroga-se Gah. Estranho, que veio fazer aqui aonde ninguém vem que aqui não more ou venha de visita. O caminho por onde seguira o carro era rematado por uma caserna soviética agora ao abandono, por campos de milho, manchas de bosque e grandes superfícies de água lisa com margens de juncos, uma ou outra praiazinha pálida. Sabia-se que estavam ali enterrados obuses, que se faziam agora comércios de armas restantes, impelidos por lucros tentadores ou apenas por desesperos de sobrevivência, tudo o que fora pintado em tintas de jornal nos últimos meses tinha agora as cores da noite.

Desde que chegara àquela casa, Gah habituara-se a que todos os motores, e depois todas as luzes, desembocassem junto à vedação, descarregassem pessoas que murmuravam entre si e deambulavam entre as esculturas no jardim, pelos novos canteiros, pelos segredos de construção do pequeno lago. Fora escavada muita terra arenosa, posto o oleado preto e ali se foi deixando ficar, afundando-se nas plantas aquáticas, entre rãs e nenúfares, peixes e pássaros, a escultura na berma, como todas as outras de madeira castigada pela chuva até à resistência final, com os braços em posição semelhante aos da fotografia na entrada, da desaparecida mulher de Victor.

Gah deleita-se em hipóteses sobre o destino daqueles faróis. Alguém que meteu pelo caminho lateral errado, por uma saída falsa da estrada principal, essa que unia mais duas povoações pardas na eterna planura, que se estendia entre casas cinzentas alinhadas ao longo de uma via de pedra redonda, que de súbito podia desembocar num largo de mercado com sombras de hera e musgo, o edifício da câmara em simplicidade geométrica, uma igreja pontiaguda e protestante.

Johann conta um desafio, ocorrido semanas antes entre um grupo de skinheads e o chapéu texano que ele usara nessa noite. Ambas as partes se deixaram provocar a fundo, o chapéu e as cabaças rapadas saíram ilesos, Johann ficou prostrado, a mão partida, sangrando dos dentes.

Fala para ouvidos incertos, sem notar que ali ninguém exige atestados de heroísmo sobretudo em torno de uma costeleta grelhada, cansados muitos, perplexos todos, apenas Li ainda mostra algum empenhamento fresco embora apenas pela conquista de bens domésticos. Que época se está a viver? Destruída a sacralidade dos símbolos políticos, essa religião laica que durara décadas nem que fosse só em culto exterior,

resta torcê-los como em zoom, retrorprojectá-los à velocidade cómica do cinema mudo, impedir que alguém triture estátuas apeadas das praças públicas. Pensa Gah?

A suar de bêbedo, Johann abre os braços para um voo inclinado, tropeça numa cadeira e cai junto de um monte de terra cheio de formigas gigantes, perto do lago artificial. Pobre, pobre – exclama Li e tenta apará-lo com as mãos maternais que oferece em troca de eldorados electrónicos.

As paixões repartem-se por territórios marcados, pensa Gah. E dá por si a tactear a noite como os faróis do carro, mas de forma mais cega, guiada pelos risos que se afastam e que permanecem junto da brasa fria de carne. Deixa atrás as esculturas vegetais, o altar de biologia construído no lago. Busca a presença de Tobias na sombra do celeiro, na massa de vigas altas.

Algures na tarde, o músico mostrara-lhe aquela enorme assembleia de tábuas, miraculosamente junta, o interior sobrevoado por uma coruja branca, por morcegos rentes ao tecto, um cubo de poeira densa penetrado por falhas de luz, o último sol atravessando a madeira roída.

Não deves vir aqui a estas horas.

Sente as mãos firmes de Tobias nos ombros. Parece quente o chão debaixo das solas, esse chão que dizem ter assistido sequencialmente a rituais de sabat, fogos e rezas cristãos, armazenamentos de feno, refúgio de judeus, abstractas partilhas socialistas. Se não fosse lua nova ainda se poderiam ver mais sombras através das tábuas ausentes.

Uma voz arrasta para longe o que ainda lhe resta de ímpeto, de consciência, de fio ordenador do tempo. Deixa-se cair como um fardo enquanto Tobias fala do bosque, de se levantarem cedo na manhã seguinte para irem à procura de cogumelos que entretanto cresceriam um pouco mais na humidade da noite.

Apetece-lhe deitar-se já ali, imaginando o trajecto das asas lá em cima, até que alguém lhe venha contar o que sucedeu às armas escondidas, ao automóvel errante.

A cisterna

Parecia-se consigo.

Estava eu no outro lado, na encosta estreita do balcão, quando a frase me chegou, sinal de que Pastor talvez principiasse a contar, coisa rara nesse escutador paciente de quase todas as noites. A frase não era para mim mas não tive escrúpulos em recolhê-la mais outras que se lhe seguiram e que logo ouvi serem de solilóquio, dirigidas a uns olhos vítreos, a um apático cabelo curto, ombros curvados em camisola preta, do outro lado do balcão. Imaginava em Pastor a monologar, a aproveitar esse receptor neutro que não interessava se era homem ou mulher, essa presença nublada, entre espirais de fumo e discos riscados de fala.

Ouvi.

Como ele levou anos com alguém a fixar projectos, a estudar primeiro os lugares ao longe e partir depois de comboio e barco, a falar com gentes em todas as línguas e gestos, a tactear sinais que pensava resgatar do apagamento. Vibrava com as cordas da voz, os contrastes, as dissonâncias entre as ideias feitas a partir dos livros e os cheiros, a poalha da tarde, sons desconhecidos, vozes, metais, pedras.

A cabeça da outra pessoa deixava-se cair enquanto eu saía um pouco do triângulo das minhas conversas, orelhava para o outro lado. – Naquele tempo exigia-se, regateava-se tudo, cada milímetro de concessões e compromissos. Debatíamos mas nunca fomos ferozes. O nosso projecto parecia-nos perfeito, com pernas para andar, estávamos fartos de uma Europa que sentíamos ser arrogante e estar saturada, que merecia ser uma vez mais traídas pelos próprios filhos, queríamos sair para ver, peregrinar, depois se veria no regresso. Larguei a arquitectura porque me pareceu mais útil aprender mecânica de automóveis, mais útil e menos trabalhoso do que medicina.

Cortou a voz.

Percebia que estava a entrar em detalhes mais pessoais? Olhei pela janela pequenina, o bar ficava na cidade velha, para as casas no outro lado do beco, alguém tirava fora de horas uma peça de roupa no nevoeiro espesso, na massa que todos respirávamos. Pastor acendeu outro cigarrilho e tudo voltou a ligar-se à vida contada, arrastada.

Não queríamos abdicar do país. Ela falava muito de conquista, não se importava com nenhum dos sentidos viciados da palavra, nem da maneira como ele podia cair em

muitos ouvidos ruminantes. Insistia na pequena conquista, na precisão das coisas. Haveríamos de regressar para desfazer a bagagem...

Chamaram-me ao telefone.

Quando voltei o meu lugar estava ocupado. Procurei outro próximo do que tinha deixado, ao balcão, por entre os cachos de ombros, as cabeças aglutinadas, já a voz ia adiantada, a maresia lá de fora subia nas narinas. – E está lá ainda, e estará, para ficar. Conheceu-o num curso de férias, decidiram imediatamente partir, logo casavam depois lá na terra dele, tenho a certeza de que não queria hesitar um minuto para não começar logo a arrepender-se.

Imaginava o que ele não dizia: tinha a vida toda para dar voltas aos remorsos, para dissolver as culpas num novo quotidiano, pianissimo, submisso, ou então não, fantasiava, seria um quotidiano brutal com a matriarca do clã a proibir-lhe quase todos os gestos, a aceitar essa dor para a pulverizar e consumir em pequenas doses. Qual a vantagem da troca? Atirar fora a neurose das decisões livres?

Gostou mesmo dela ou estava apaixonado pelo que ela representava para o vosso projecto comum? E não se viu ferido sobretudo no orgulho, no narcisismo?

Como poderia saber? Era preciso ter vinte e poucos anos para fazer com uma pergunta dessas um corte rápido naquela auto-compaixão que se segurava ao balão de brandy. Saí da cena e só mais tarde soube da sequência, quando encontrei casualmente Pastor num passeio entre o rio e a torre de Belém, entre pés no relvado de futebol à tarde, a caravana de postais e gelados, o ritmo das agulhas de croché na estufa dos automóveis de focinho para o paredão, destilando casais que sabiam da água e do espaço pedonal mas ali ficavam, acumulando calorias mudas e azedas.

Pastor seguira-a.

Melhor: encenara uma viagem com amigos e programa turístico para ir dar, como por acaso, ao labirinto dos bazares onde ela agora ajudava o marido a torcer ornamentos de prata, a cinzelar pratos, a repetir ladaínhas. Quando a encontrou e a viu de longe sem ser visto, ela usava uma túnica turquesa, calças largas, babouches, carregava nos olhos e compensava o véu com jogos de pulseiras, unhas escuras. Ninguém a obrigava a usar véu, como ele soube depois.

Lembrei ter lido algures um relato de viagem de uma jornalista nórdica por terras persas, tão distantes daquele bazar, o que ela escrevia sobre a descoberta de uma inesperada comodidade por detrás daquele biombo de pano, a inesperada sedução que

partia daquela peça e ia direita a uma mente habituada a palavras de ordem como bandeiras, para quem o véu tinha sido igual a servidão, ponto final parágrafo.

Acomodou-se àquela vida. Apresentou-me o marido, aliás muito simpático, nada ciumento na aparência, ainda não tinham filhos no segundo ano de casados, fez-me sentar naquelas almofadas moles da sala. Enquanto ele ia buscar uma aguardente de tâmaras que o pai fazia nos alambiques caseiros e ele guardava para ocasiões especiais, ela contou-me a sua única transgressão.

Nadava. Na cisterna abobadada, em noites de calor e sem companhia. Embrulhada numa túnica por cima do fato de banho, para poder dizer que tinha escorregado lá para dentro caso fosse surpreendida por alguém.

Quando Pastor lhe perguntou por que razão fazia algo tão arriscado e que tão caro lhe podia custar, ela terá sorrido, respondido – Mais tarde.

Não, o marido ainda havia de levar uns minutos antes de regressar com a aguardente de tâmaras.

Correntes (A David)

Lisboa é assim uma cidade de semipresenças, de semi-ausências, carregada de memórias e meio amnésica, tanto mais desperta como mais sonâmbula.
David Mourão-Ferreira, *Lisboa: Docas e Telhados*.

Tive de ajudá-lo a sair da água, pingava com todo o seu peso mais o peso da carga que transportava. Só não se afogou porque nada bem, pensei; sabe cortar os nevoeiros; e quantas vezes faz tudo o que tem a fazer sem se queixar, limita-se a pedir uma camisola seca, umas calças de boca de vento depois da tarefa cumprida.

Ficou ali num ângulo da doca onde lhe traziam copos de vinho e pão com queijo. Iam-lhe deitando, iam-lhe servindo, e todos esperávamos que a carga mostrasse cores firmes, formas enxutas e ficasse pronta a ser distribuída, em pequenas rações fibrosas, doseadas a dedo, por quem tivesse a paciência de esperar na fila, ouvindo histórias e comentários dos vizinhos de trás e da frente.

- Não tenho tempo para ficar até que chegue a minha vez, confiou-me um homem com pasta de executivo, limpando o suor das mãos com um lenço de dobra feita com o ferro e monograma bordado à mão. - Guarda-me uma porção até amanhã? Descanse, pago adiantado.

Dizia isto e já sabia que a resposta só podia ser negativa porque as regras eram imutáveis e o preço era incerto, avaliado pela onda e pela respiração do instante, como em tempos o vinho e o pão.

Restava-lhe decidir: ou saía mais leve de todo um rolo apertado feito de desejos e dependências ou ficava ali a termo incerto, a perder minutos na esperança magra de ganhar pequeninas histórias que talvez lhe trouxessem muito pouco para a contabilidade.

- Não me acredita?, perguntava a dona de bata abotoada e braços enchidos ao vendedor de rua, concentrado na sua fina balança que parecia fazer parte das alegorias da justiça. - Também dá um gosto incomparável à comida. E deixem aqui passar o senhor guarda, hoje está cheio de pressa porque tem uma festa de família.

Falava para um casal de namorados que só acordou séculos depois ao despegar as bocas para respirar e as testas para olhar. E eles deram passagem ao uniforme até porque não

podiam deixar de sentir os pés molhados pela a maré que subia e ameaçava quem tinha ficado atrás na fila.

Mas a fila não abrandava, parecia estacionada para ficar e as pessoas a instalarem-se em bancos improvisados, conversas. Alguém começou a contar do seu cão peludo branco, tão habituado à corrente que permaneceu todo o resto da vida no mesmo lugar depois de a corrente se partir e soltar do anel da parede.

Risos crédulos. A rapariga encostou-se mais ao ombro do homem, que agora se via melhor, com a boca despegada, que era muito mais velho.

Ouviram-se de repente sons que não eram pio de gaivotas mas uma voz que se aproximava em ondas, como a maré, um misto de lamento e prazer fundo, como só os cães e as filhas a pudessem entender, como se fosse um chamamento para voltar para casa e trocar a dependência do produto pela outra, por essa dependência primitiva que não precisa de palavras mas de uma teta a escorrer compreensão e chantagem.

Não ouves?, diz ela.

Nem ele nem ninguém. Não havia cães por ali.

Está a dizer: Volta para casa. Se fosses um filho punha-te na algibeira do casaco dinheiro para o produto, juntamente com um lenço engomado. Mas és a única filha que tenho e preciso de recuperar-te antes que seja tarde.

É tarde. E ele já não tem mãe, não sabes que tem idade para ser meu pai?

Mas não podiam comunicar. A fila avançava muito lentamente, como uma corrente partida que se quisesse recompor só pelo facto de demorar o dobro do tempo a deixar que acontecessem as coisas.

Estamos a tempo de deitar fora o nosso lugar, estamos muito avançados se olharmos para trás e virmos todas esta pessoas tão sôfregas e contidas.

Que nos prende então?

Não sei.

O hábito, a inércia, a curiosidade?

Não te posso responder. Tenho inveja das pessoas que estão neste momento a trepar montanhas ou a trair alguém ou algum princípio para terem um momento de ilusão de sucesso. E também já não tenho nem pai que me empurre nem mãe que me desculpe.

Junto aos dois, de novo com as bocas coladas como se assim estivessem mais protegidos contra o lamento da mãe dela e o pio de gaivotas, subia a maré pelo paredão, tornado num precipício com o mar a retrair-se, escorregadio, a deixar ver os rochedos limosos.

Vamos, peço-te. O que nos prende aqui?

Tu mesma disseste, o motor da curiosidade, a corrida atrás de tantas ideias velozes.

Saltamos?

Não tínhamos para onde. Também não tenho pai, não sei nadar, nunca aprendi a ajudar ninguém nem mesmo nessa tarefa mesquinha de repartir, empacotar e distribuir o produto.

Ajudas-me pelo facto de existires.

Se assim o dizes. Mas há muita gente que continua a pensar que o produto é nocivo.

Só porque é muito cobiçado?

A fila ia avançando e entretanto o nadador-carregador já tinha vestido roupa seca e ido buscar reforços, mais um rapaz, mais uma rapariga que ajudavam a apressar a fila. Mas esta não diminuía, estava sempre a chegar mais gente.

As arcadas

A luz desce, humedece-se com o sal, adensa-se, turva-se na arquitectura da praça.

E ela, biógrafa de serviço como está sempre a chamar a si própria, espera ali o neto do biografado. Mais uma tarefa, aparentemente sem novidade, para entreter o seu tempo de trabalho, mais um exterior que não a obriga a grande sacrifício. Ainda é só Outono, ainda não mudou a hora de Verão

Começa a ter frio. É normal as gentes atrasarem-se, pensa ela, mas essa normalidade já se tornou norma e por isso mesmo passou de muito lassa a muito imperativa, o que não lhe reduz a impaciência, pelo contrário, ameaça mesmo o seu equilíbrio, a sua capacidade para pesar as palavras, os olhares e os gestos na balança da educação, da contenção voluntária, da ironia.

Entretanto tem de matar não sabe quanto tempo e vai percorrendo o lado poente das arcadas a passos largos. Quem sabe, pode o rapaz vir transportado por músicas metidas nas orelhas e passar mesmo junto dela sem a ver, ignorando as descrições que lhe fizera ao telefone.

Repisa mentalmente as notas sobre a figura do compositor.

Levou tempo a recolher material, mas conseguiu reunir uma porção suficiente de fios soltos para que possa entrançá-los, narrar a história. Com todo o cuidado que a agenda lhe permitia, chegou a rever, cronometrar e repassar as estações mais importantes da sua vida, ou pelo menos aquelas etapas que permitiam rematar a tessitura da sua composição sem deixar malhas soltas. Tivera a ajuda paciente da mãe do neto, com quem passara tardes, fora que com ela se entretivera a reconstituir o percurso do pai em caderninhos cosidos à mão, em letra sépia com hastes compridas e ângulo miúdo. Lembra como a mãe do neto não perdia de vista os caderninhos e nunca a deixava sozinha com eles.

Nunca tinha podido acariciá-los como uma relíquia resistente àquela morte entretanto conhecida, catalogada, biografada. Ela seria apenas mais uma biógrafadora, a quem era permitido apenas tocar decentemente o papel. Estava fora de questão cheirá-lo, e tanto quisera fazê-lo, ansiando por um voo, uma inspiração vinda da sinestesia.

Tenta sentar-se na esplanada enquanto não vê o rapaz cruzar os arcos. Procura uma mesa, nenhuma está vazia e ao seu alcance. As pessoas movem-se, apressam-se ou

então param, conversam, mas ninguém parece disposto a ceder-lhe um lugar ou a permitir-lhe que pergunte se pode ocupar apenas uma cadeira vazia numa mesa estranha.

Paciência. Nada mais lhe resta do que circular por perto ou encostar-se ao frio de uma coluna ou sentar-se na memória das anotações da mãe, que descrevia os cafés daqueles anos difíceis, cafés onde o biografado tocava a sua própria música e ela recebia moedas, coroas de muitos pesos e tamanhos na concha quente da mão enquanto as pessoas juntavam os ouvidos e os silêncios. E assim tinham sobrevivido. Até à data fatídica.

Não era fácil aquela música, nem de embalar, nem cantável nem dançável. Apesar disso, tivera sucesso junto de algumas constelações inesperadas de gente, esses grupos casuais que ali sim, não tinham reservas em partilhar mesas mesmo sem se conhecerem e que depois da audição regressavam aos caudais de conversa como se estivessem estado a ouvir melodias cantáveis e dançáveis.

J., biógrafa de serviço, segue mentalmente as notas lidas na partitura que copiara para tocar em casa no seu pequeno keyboard, primeiro a custo e recuperando o esquecimento de algum piano infantil, depois com a temeridade de quem está sem público e toca descomprometidamente para o vazio, para o deserto e depois volta a reunir a compostura, a endireitar a disciplina.

Não existiam gravações comerciais do biografado. Apenas partituras. E os caderninhos, que não lhe fora permitido cheirar.

O neto demora-se e a esplanada vai-se animando na bruma. As vozes entrechocam-se, levantam-se num coro baço e voltam a baixar em falsa polifonia, mais as colheres nos copos, o arrastar das cadeiras, um grito de raiva que faz com que o olhar dela agora se dirija a um senhor de impermeável, bigode e óculos, chapéu cansado. Teria sido ele a causar algum aperto, alguma raiva na mulher que estava com ele? Daria um retrato muito mais próximo de algumas ideias correntes sobre criadores disfarçados, ideias compostas de solidões e álcool, de recalcamientos cicatrizados ou não, de caricatura, de sublimação. Também o compositor tinha por vezes, nalgumas das fotografias mostradas pela mãe, um abandono do corpo como um saco deixado cair no rectângulo da fotografia, um olhar baço e distante quando se passava ao primeiro plano.

J. recapitula todos os trabalhos que tivera com esse trabalho posto de lado durante os meses em que tivera de pegar noutras biografias. A sua especialidade era a de resgatar figuras desconhecidas de quase todos, de tecer fios e engrossá-los até que eles pudessem

tornar-se num tapete, numa estrada verosímil, numa convicção de verdade que a tranquilizassem a ela que escrevia e os leitores que a liam.

Entretanto a filha do compositor desaparecera e J. sentia que aquelas partituras estavam sós no mundo, com a companhia frágil de uma porção de dados. E sem os caderninhos. Mesmo habituada a refazer cenários, a contagiá-los com febres malditas, a construir uma pele de modo a que pareça inteira e não escamada. Não acreditava na autenticidade, apenas no trabalho, repetido na minúcia das noites solitárias qe assim ela impedia que se arrastassem. Não se preocupava com a discrepância dos relatos, bastava-lhe manejar as pequenas peças de informação até se ajustarem.

No caso do compositor, bastavam-lhe as partituras obtidas pelo amigo músico que recusava escrever uma linha, o testemunho da filha, os materiais que para ela talvez dispensassem aquela entrevista com um rapaz de quinze anos, o neto, que de repente lhe telefonara. Mas o director da revista que se mostrara interessada em comprar-lhe o trabalho avisara-a logo: não bastava uma aturada recolha, uma arrumação cuidadosa dos dados, de modo nenhum, tinha que apresentar testemunhos directos, vozes vivas. J. chegara a irritar-se com o que considerava uma mania de veracidade, como se a veracidade não saísse deteriorada no contacto com o ar.

Procura em volta alguém que se assemelhe à descrição dada pelo neto ao telefonede si próprio. Enquanto navega parada e encostada, vai entretendo resignações e esperas com pequenas histórias, olhares curtos, encomendas e trocos de memória.

Olha as arcadas sujas de pombo e graffiti por cima da sua cabeça, sente os cabelos pegajosos da humidade de noite que entretanto desceu de vez, ouve os motores e outros trânsitos e comércios, apercebe-se de dizeres soltos à sua volta na praça, faz um jogo para adivinhar que intenções e que armas poderiam ir escondidas num trio que passa por ela e fica ali muito perto a fazer combinações em voz média. Mas logo o trio parte. Outros roçam-na com sons guturais, não para a fazerem entrar em qualquer jogo, em qualquer transgressão, ignorando que ela não se interessa nem por interditos que sabe serem necessários para que continue a existir uma ordem suspensa ao espelho da sua própria transgressão, até porque sabe que o rompimento de tabus é em muitos casos pouco mais do que uma pose.

Mas nem sempre. E não agora.

Mede com os passos os minutos de atraso daquele que não conhece e a quem tem de colocar daí a nada um catálogo de perguntas. Um empregado idoso, de casaco a fluorescer à luz que incide nas arcadas, começa a empilhar as mesas e cadeiras, com a

lentidão de quem arrasta metais. J. resiste ao impulso de ir ajudá-lo. De qualquer maneira só lhe resta esperar ali, na hora já nocturna, e além do mais ocorre-lhe que poderá com um gesto generoso pôr em risco um posto de trabalho.

No centro da praça apressam-se as sombras do final de dia, para os barcos.

Mais um motor entra pelas arcadas e trava-lhe o corpo contra um dos portais. Abre uma porta preta, deita fora uma pasta pesada com alguém velho demais para ser o neto do biografado e volta a sumir-se num chiar de pneus. J. vê-se tomada de um grande desejo de sair dali, de abrir-se a qualquer mesa num sítio de luzes resguardadas e não voltar tão cedo àquelas pedras que só já estão ali para trânsito, não para morada.

É então que repara na mancha.

Naquele acampamento efémero a que o atraso do neto a obriga, apenas pode seguir o que está próximo e é assim que principia a contornar a nódoa escura no chão calcário, muito perto do sítio onde pára, cansada de bater o terreno por um testemunho que desconfia nada trazer de novo para a biografia já composta, pronta a ser entregue mas que terá de ser refeita consoante o que o neto disser.

Mede as dimensões da mancha, o volume do corpo que nela permanece. De olhos semicerrados, tenta recordar fotografias de manuais de História que lhe lembrem estelas, múmias ou apenas restos deixados à curiosidade arqueológica.

Vai-se deixando cair devagar e deita-se em cima daquela silhueta com as pernas recolhidas em posição fetal.

Tenta colar-se à soma difusa dos pontos escuros, massa de hábitos depositados.

Ajusta-se à forma da cabeça que se enfia nos ombros para se proteger da noite.

Vive a vida do molde o tempo suficiente para principiar a compor outra biografia, doutro desconhecido, ou talvez retocar a do próprio compositor, que poderia ter tido uma fase sem abrigo.

Estará a delirar, ou apenas a ver se consegue retomar um traço qualquer onde os documentos narrativos se principiam a apagar e tudo o resto engana, a imaginação, os testemunhos?

Desapareceram os pontos cegos, as pretensões abstractas que enchem a boca com palavras como totalidade, integridade, veracidade.

O retomar da visão passa pelo respirar em fio, pelo apego ao sopro também passado por aquela mancha que ali se foi depositando em corpo, sedimentando em rotina de defesa o que poderia ter sido uma biografia, e como pode ela julgar se foi ou não, agora que já se iniciou no seu percurso e decalque?

Aconchega-se na manta que não tem.

Íntima com o germe do que poderá ser a sua nova história, desta vez uma que nenhum director de revista vai pedir.

Tenta adaptar-se o mais que pode àquilo que não se conforma em reduzir à marca deixada pelas noites surdas de alguém sem casa.

Sabe que ainda não chegou ao limite do jogo e começa já a censurar a frivolidade das coisas.

O que faz, acumular-se naquela posição em pleno passeio público, entre gentes apressadas para apanhar o barco, pode até ser entendido como um insulto.

Ou uma intrusão, talvez daí a nada corrigida pelo marcador da mancha a reclamar o seu posto.

- Desculpe o atraso, sou Samuel Mendiz.

Só quando tem o neto na sua frente repara na semelhança com os retratos que a mãe lhe mostrara.

- Deve ser muito incómodo esperar tanto tempo de pé. Há muito que prometem pôr aqui uma esplanada.

Não há engano possível, é a voz do telefone e J. anula a indignação pelo avanço da hora diante do tom protector e cortês com que fala esse neto. Fala como se tivesse imaginado a esplanada, a mancha. Como justificação, o rapaz levanta o estojo que traz debaixo do braço.

- Só há minutos é que o ensaio acabou. As partes do clarinete são particularmente cansativas.

J. tem pela frente alguém que vai ser obrigada a incluir na tradição da disciplina, essa que não poderá furtar-se a ser biografada.

Olha para os retratos de família dentro dele, esses que a mãe folheou em torno de um chá e biscoitos de canela.

Ouve como Samuel, ao contrário da mãe e certamente do avô compositor, fala sem sotaque.

Minotaurus

Uma voz conhecida chegou-lhe por entre o rumor de fatos pálidos, metais, betão, painéis luminosos e desejos práticos. Mas quando se voltou na plataforma do cais, ninguém parecia querer dirigir-se a ela. Tinha de ser mais uma vez um eco de longe, de casas ainda conservadas na teimosia familiar, cantando rezas com as pernas dobradas em tarefas de pó, os fatos a cheirar a sabão e a cozinha.

Mas ela estava ali e agora, naquela gare cheia de gente à espera da próxima carruagem, a embarcar nas próximas portas, a sentar-se fingindo não ver um idoso mirrado que não era tão veloz, a levantar-se no momento seguinte para dar o lugar a esse mesmo idoso que seria provavelmente uma idealização dos velhos sábios, de bibliotecas mentais ou apenas do seu avô, da sua infância. Voltou a sentar-se mal a estação de interface deixou a carruagem quase vazia. À sua volta as figuras pesavam e ela apenas se deixava distrair por uns lábios grossos em conversa ao lado, um sopro de alguém que folheava o jornal, de há dois dias, notou. Mais um perfume como anúncio luminoso na outra estação. Ao lado, um apelo à caridade invisível, à distância de um número de telefone. *Minino*, alguém cantava a um ouvido próximo, *leva-mi para longi*.

Depois de seguir o percurso combinado, depois de encontrar quem agora a esperava, poderia regressar aos sítios donde a tinham um dia feito partir. E ela partira com a convicção de que voltaria para o lugar que estava destinada a ocupar, na orla das mulheres e na berma dos homens. Terras de ninguém em que teria sempre de trabalhar para transformar em terras de mais alguém. Todos os dias um pouco e ao fim do dia, poderia encostar-se à luz filtrada pelo reposteiro de conchas de algodão azul, escrever sonhos de futuro atirado para longe, apoiar-se no tampo da mesa, mas não muito para não o desequilibrar, para não entornar a chávena, para não ouvir o ralhar das mães, apenas o chiste grosseiro dos pais.

Não podia regressar, ainda, aos lugares da sua origem. Que origem? Faltava averiguar. Mas tentaria não quebrar aquele fio porque certamente surgiria um dia em que iria precisar de o enrolar de novo, e então voaria sobre os mares com horas de enjoo, de sono, de regressão aos quadros gastos da infância. Iria para o lugar que todos lhe apontavam. Mas nada disso era actual, nada disso era urgente agora que as filas de passageiros se iam cerrando de novo à sua volta, em respiração húmida e desconhecida.

Tinha de seguir a rota acordada, mudar várias vezes de estação e de linha, procurar uma possibilidade de reconhecer aqueles de quem ia à procura e que também a procuravam com um endereço na mão, mandados pelas avós e pedindo-lhe que servisse de intérprete no país onde ela já vivia há tantos anos.

Entretanto estava a passar tempo, longo, muito longo. Quantos eram, os homens e mulheres que a esperavam, decerto com algum pano ou objecto reconhecível e fornecido pelas bisavós comuns? Tinha-lhe sido pedido que seguisse pelos caminhos do metro até encontrar aqueles nomes recém-chegados ao país. De que se falava nalguns jornais mas que poucos sabiam onde podiam estar. Talvez nas bocas dos túneis, talvez nos corredores do labirinto, talvez no posto de acolhimento aberto para urgências e golpes brutais, talvez ali mesmo numa das estações onde se ofereciam também roupas usadas, café e bolos, onde se trocavam ofertas de emprego temporário e murmuravam obscuros objectos de negócio. E ela falava as línguas dos que ali vinham e do país que ainda a acolhia. E essa frágil ponte da garganta e dos sons familiares fazia-a correr o risco de ser encostada à parede. Mas não podia deixar de correr esse risco embora por momentos pensasse que delirava, que devia antes voltar ao círculo donde tinha saído, às paredes quentes onde se festejava, a essa pequena terra de alguém, mesmo cheirando a roupas velhas.

Palavras, mas ela cedia-lhes sempre. E agora o que mais desejava era voltar para trás no espaço para não ter de regredir no tempo. Regressar ao porto da mesa, das vozes conhecidas. Não ter de buscar os sinais incertos, de fazer sorrisos cerrados, de tentar um ponto neutro onde as línguas não se prendessem para repetir fórmulas, slogans e preconceitos, onde as línguas não se soltassem em obscenidades. Onde todas as tarefas fossem tão voluntárias como parecia ser aquela que a fizera sair de casa. Mas de momento, não tinha outra opção senão continuar fora de casa, entrar no comboio e seguir nele túnel fora, até que lhe fizessem um sinal da parte de fora de um cais ao longo da linha, ninguém tinha querido dizer-lhe de antemão qual seria, ou ninguém sabia ainda qual seria quando ela recebeu o recado e a ordem para desligar de imediato. O fio era afinal nada mais do que um rasto trémulo, uma indicação vaga e um acordo incerto até se verificar que ela reconheceria sem mais problemas aqueles com quem décadas antes tinha convivido em cerimónias, que agora lhe pareciam muito mais estranhas do que a sala de ruídos que acabara de deixar.

Por pouco tempo, dissera aos vizinhos de mesa, seus consócios. Guardem-me o lugar. Não deixem levar o meu copo.

Sabia, ao dizer aquilo, que a pele a protegia para que eles não adivinhassem o que ela intensamente desejou ao levantar-se, tanto que fez tombar o copo com restos de vinho branco, logo a seguir desaparecido nos sulcos da mesa. A máscara de um compromisso, o fantasma de uma comunidade que se queria substituir, no mais curto tempo possível, à sedimentação de grupos familiares, tudo isso ela abandonava e suspeitava que era de vez.

Agora tinha a sensação de ser seguida, não sabia por quantos olhares pois não estavam juntos e talvez até nem se cruzassem. Olhou sem ver o corredor aberto até ao limite dos corpos, que se iam dando passagem. Tinha de mudar de linha e sair na próxima estação. Se deixasse passar mais de dois comboios na estação de interface, talvez pudesse perceber quem a seguia. Absurdo. Como poderia alguém ter um motivo para segui-la, por exemplo saber as línguas que ela falava, por exemplo o que a movia para ir ao encontro do grupo?

Não te admires se os encontrases todos sentados no chão, tinham-lhe dito, mas ela não acreditara no que lhe parecera puro escárnio. Estar sentado no chão não era para ela humilhação mas privilégio, como a graciosidade que se é obrigado a ter para comer com as mãos, com toda a sensibilidade nas pontas dos dedos.

Saiu do metro e subiu as escadas contra uma forte corrente de ar. Lembrou-se que por cima da próxima boca de saída estava uma praça, que podia esperá-la um cenário novo e mais acolhedor do que aquele onde ela se propusera envolver, um banco ao sol húmido de outono, caminhos de jardim, outras mesas ainda que solitárias, uma entrada de loja, um encontro fortuito que a fizesse esquecer o que a levava para diante. Meteu a mão no bolso do casaco para ver se tinha ainda o papelinho com as instruções, alguns vocábulos mais difíceis, os nomes de contacto, a senha disfarçada entre anotações anódinas. Riu-se de repente, entre as pessoas apressadas, carregadas de agendas, transportando materiais inofensivos e justificadores de corridas todos os dias pelos mesmos lugares. Se pudesse ao menos sentar-se em qualquer sítio e pensar os próximos passos. Sentia que tinha convocado para aquela tarefa a sua própria vontade que agora a ultrapassava, uma responsabilidade absurda e pouco ajustada ao esquecimento natural do mundo. Por que razão tinha de cumprir indicações sabendo que nada lhe sucederia se não o fizesse e se limitasse a regressar à superfície donde tinha saído, a retomar o copo e pedir que lhe deitassem mais vinho?

Olhou uma vez mais as peles verdes das caras à sua volta, os sacos bojados de compras. Logo lembrou outros tempos e espaços, túnicas vestidas para a oração. Ouviu

línguas doces cruzando-se com línguas ásperas. Logo mergulhou nas letras sentadas no banco da frente, as letras eram ao menos uma segurança que a deixava balançar-se na história fluida, mais um pestanejar, um perder de minutos a partilhar os lugares mais cansados. Não podia continuar com as tentações de desvio, a que se seguiriam desejos incontados mas que incoomodavam, as tentações que levavam ao esquecimento nas horas, interdito, interdito. Tinha de se agarrar ao fio que prometera e lhe fora proposto, guiar e guiar-se e depois sim, poderia sim sair dali, especular ao ar livre sobre as razões que levavam os historiadores a baralhar o mundo com a interpretação de novos dados e os arqueólogos a complicar as raízes com a leitura de novos fragmentos. Quando regressasse ao ar livre e à companhia dos outros à mesa, poderia de novo gesticular sem medir os sinais que emitia entre todas aquelas linguagens estranhas.

Agendas

Recorda que naquele dia tinha chegado a casa particularmente cansada. Não sabia porquê, sentia-se gratificada pelas tarefas que ia fazendo naquela cidade onde não tinha ainda decidido ficar a viver para sempre. O que era sempre, o que queria dizer sempre, não podia saber, talvez levantar algumas tendas próximas, arredar impedimentos opacos, abstractos, pulverizados logo que deixem de ser declarados urgentes. De certa forma um esquecer das agendas que nela se iam criando. E ela esquecia facilmente. Bastava que tocasse uma melodia celular, escondida num saco.

Nunca estava inactiva. Às vezes era Amu que lhe recebia telefonemas, às vezes mails. Uma vez ou outra vinham bater-lhe à porta, pressioná-la com um toque de mão, fechá-la num olhar que parecia não aceitar recusas e querer descarregar nela as súplicas a que ela não podia atender. Pelo menos sem consultar um advogado.

Mas já Amu intervinha e se punha a entreter quem viesse com súplicas e mais histórias, e enquanto abanava a cabeça, sim, não, talvez, desfiava contas de colar com as palavras e as mãos enquanto ela fazia chá e adiava, ponderava respostas.

És o irmão que não tive, dizia-lhe.

Eram da mesma idade e partilhavam a casa que uma amiga lhes tinha confiado ao ir para fora por tempo indeterminado, largando um trabalho certo na loja do padrinho, abandonando uma rotina segura para seguir um fio intuitivo, um apelo incerto, um lugar longínquo. Agora, nem ela nem Amu sabiam do paradeiro da dona da casa e iam-se resignando a deixar envelhecer a memória das suas imagens na fachada e nas paredes, a remendar uma ou outra janela, uma ou outra telha, um ou outro cano, uma ou outra torneira.

Chegou a casa nesse dia muito cansada, deitou-se com uma revista velha, logo a deixou cair e adormeceu. Pensou antes de adormecer, embalada a olhar para as vigas no tecto, que todo o mundo à sua volta, prestes a deslizar para o lado, era um grande abrigo provisório, a respirar nas suas brechas. Sentia-lhe o ritmo tranquilo, como um deserto reduzido a uma paisagem interior, como um quadro recebido como recompensa por ter desertado de uma outra casa, onde se bebia e jogava e defraudava e a que tinha chamado familiar.

Amu correu a acordá-la sem bater à porta. Ofegava.

A minha prima, ontem à noite.

Morta no passeio, ao pé do terminal do autocarro.

Não tinha documentação e os irmãos dela andam a monte.

A polícia acha que foi mais um desses ajustes de contas para salvar a honra da família.

Ela tinha feito a escola superior de educação, dava aulas, fumava, usava saltos altos e roupa apertada, não punha lenço na cabeça nem para as reuniões familiares obrigatórias no fim de semana.

Dizia que queria viver como no país, como tu, como eu.

Amu deixou-se cair ao lado dela no sofá. E ela sim, lembrava-se dessa primita de Amu pálida e escura, tão aplicada no estudo de tantas línguas e que disse uma vez a brincar que queria estudar para espia. Lembrava-se que lhe respondeu: para seres uma verdadeira agente secreta tens de ser mais romana em Roma.

Em Roma, ou em Bizâncio, devolvera a outra. Já reparaste que em todas as cidades divididas é a parte oriental a sacrificada?

Estás a ser injusta, muito injusta, tentou ainda contrapor. Mas como podia aquela primita não devolver cegamente as injustiças que já estava a receber ao longo da vida – agora curta, curta?

Amu interrompera a conversa e ela já não teve oportunidade de explicar à outra qual a injustiça que queria dizer. E agora não a sabia dizer. Talvez preferisse não acordar, para o inevitável juízo de águia, para o corte de lâmina entre a vergonha e a culpa, entre a honra e a responsabilidade, entre a tribo e o indivíduo, entre a bola de arame e feltro de tradições cruzadas e o ar livre das opções solitárias.

Pesou-as, afagou-as, eram só imagens, a da primita escura e magra, a da dona da casa de roupa a flutuar e sempre com um dito jocoso sobre a roda do mundo, ela própria. Tinham estado ali sentadas à mesa do jardim de inverno, em tempos diferentes mas não muito distantes. Tinham cozinhado, temperado para ela e para Amu e para outros que se perderam no limar dos dias mas que agora talvez fosse necessário recuperar para a cena; que cena?

Acendeu uma vela, enrolou-se em lã e cabedal preto. Lembrou-se de ter visto dias antes na televisão uma atriz, que fizera um estágio em palcos americanos, afirmar que o preto já não era o traje de trabalho curvado no campo das nossas avós mas o hábito quotidiano das netas nova-iorquinas. Um dia o lenço seria de novo uma moda italiana, como já fora parisiense décadas antes. A mãe dela, a avó cega de lenço, nas compras de tecidos para ir à modista, na fila para comprar bilhetes para o cinema, balcão ou plateia,

os cinemas enchiam e as pessoas iam para ver e serem vistas fora do écran e de lenço, de chapéu.

Tinham de lá ir, a casa da tia de Amu. Os irmão esteriam a monte ou fariam a rábula pesarosa de quem foi lamentavelmente assassinada embora o merecesse segundo eles, rapazinhos de camisa lavada e a cheirar ao primeiro after-shave, rapazelhos que olham de soslaio para baixo de todo o sexo feminino.

Perfumou-se, embalsamou-se para sair com Amu, deu-lhe o braço e seguiram pela neve, como dois bonecos desarticulados de todos os fios conhecidos, com os dedos enregelados para agarrar os fios que imaginavam ver no ar.

Pararam em cima da ponte. O rio não tinha gelado, o sol espalhava-se no céu friorento e translúcido. Só então reparou que Amu se tinha esquecido das luvas e ofereceu-se para lhe massajar os dedos, enquanto as gaivotas piavam ao sobrevoar um barco que passava por debaixo da ponte.

Não havia tréguas.

Tão-pouco sabia como retomar a guerra. O frio doía-lhe nas narinas.

Partidas (A Sophia)

*Na secreta nostalgia de uma festa
Trespasada de espanto e de segredo
Sophia de Mello Breyner Andresen*

Ainda não tinha pousado os sacos no chão, o do pão e da fruta, o dos livros e dos cadernos, e viu aquele objecto no sofá da sala, um cinzeiro quadrado com um cigarro sem filtro, como ele os costumava tirar, e apagado a meio, como ele costumava fazer. Com um raciocínio dedutivo, brinquedo que sempre dá corda a si próprio, pensou que não podia ser ele, que estava longe, que nem sequer tinha precisado de partir porque nunca tinha estado ali.

Enquanto levantava a guilhotina das janelas e arejava as paredes brancas, os panos azuis, lembrou-se dos desenhos de palavras com que tinha tentado, sem saber se conseguia, descrever-lhe a forquilha do castelo com cúpulas, no penhasco do horizonte. Quem está longe é como se fosse cego, murmura. Corrigiu-se: quem está longe é quem nunca assinou a página que agora está aqui, ao alcance do dedo que pode retrazar os contornos da forquilha, o redondo das cúpulas que brilham ao poente, o jogo da vida dos arquitectos. Mas os minutos não param e todo o cenário muda para o lado do mar que se vê da outra janela, essa que não se pode abrir nunca sob o risco de deixar entrar nas suas paredes a devastação que já se vê nas outras casas em volta, abandonadas às ervas daninhas, aos sapos na humidade, as gatos nas noites de lua.

Ao menos o mar nunca precisou de descrições, ainda que fossem feitas com lentidão atenta ao pormenor, com o desejo de trazer à superfície nunca se sabe o quê embora se saiba sempre para quem. Só evocações. Hoje está picado, com o vento habitual da montanha. Aqui sempre foi igual a ocidente, a fim de terra, em breve a fim de névoas?

Quem teria estado ali, deixado o cinzeiro, há quanto tempo, há quanto correr de nuvens, rápidas na serra, com chuviscos e arco-íris a pedir que se tirasse depressa a câmara do fundo do saco, qual saco?

Acabou por se sentar no meio da bagagem, como se quisesse partir antes de ter chegado, como se quisesse convencer-se de que aquele era o refúgio onde havia que ficar, pelo menos nos dias mais próximos, pelo menos até se confirmar ou desmentir aquela notícia que, mal tinha começado a circular, se tinha confundido com um boato.

Afinal menos verosímil do que a presença dele naquela casa, que tão pouco se havia confirmado ou desmentido, com os hábitos de pegar na chávena do café, segurando-a por debaixo na palma da mão, e de fumar os cigarros até meio depois de lhes ter tirado o filtro.

Mais ninguém tinha chave a não ser quem se encontrava a milhares de quilómetros. O mar mudou de cor sempre picado, o vento principiou a molhar a casa com um aguaceiro. Tinha de acender a lareira, mesmo sabendo que tudo iria ficar cheio de fumo, mas também o fumo era uma presença que logo se dissipava, acalmava.

Dera-lhe a chave um dia, por brincadeira, dizendo que para vir nem precisava de contar com outra encarnação, apenas com o novo pequeno período glacial que se noticiava agora para breve, como se fosse certeza mas que não passava de especulação. De boato.

Acredita, acredita na ciência.

Na ciência não se acredita. Demonstra-se.

Tinha ficado por demonstrar quem tinha estado ali não há muito tempo, pois o cinzeiro ainda não apresentava sinais de bolor, esses que depressa se colavam a qualquer resto orgânico deixado à superfície da casa.

Só uma pessoa tira os filtros aos cigarros, murmura. Só uma pessoa das que conheço.

Principiou a desfazer a bagagem, a desdobrar os livros sobre a mesa, deu uma volta pelo jardim e reparou apenas que havia caído uma quantidade pouco habitual de folhas perenes. Quantos animais minúsculos estariam a olhar os seus movimentos sem se deixarem aperceber?

Uma antiga vizinha aproximou-se do portão, do lado de fora.

Já sabe o que se conta por aí, que há planos para recuperar estas ruínas aqui à volta e transformá-las num condomínio de luxo?

Não me diga. E a minha casa aqui no meio.

Ou seriam mais boatos, jornais das mães?

Só lhe restava mudar de cenário.

Ou antes, de partir, de experimentar novas formas de silêncio. Ainda não sabia quais.

Ou não, ficaria ali até que o terreno se tornasse irreconhecível. Mas não à espera, nem sentada.

Abriu a porta da frente e começou a aparar algumas plantas no jardim, a cortar alfazema para perfumar os quartos, depois de ter esvaziado o cinzeiro.

Outro onze de Setembro

Alguém se aproximou da mesa, devagar, mas sem chávena de chá nas mãos. Nem copo de vinho, nem sorriso, nem ameaça, só voz. Conhecia vagamente essa mulher, a sua aparição tornava agora as paredes vermelhas, a minha carne fibrosa, sem estabilidade, nem para ficar ali sentada com o meu velho, velho amigo para tomar uma ou duas cervejas. De repente já nem era ele nem eu sentados à mesa, menos ele e eu do que aquela mulher a aproximar-se. Camisola vermelha, lábios vermelhos, cabelo preto comprido.

Não nos tínhamos visto durante um tempo, ele e eu, durante as férias de Verão, e eu estava preocupada com ele, com a sua alma, com os seus pensamentos, com os projectos antigos de termos uma criança apesar dos estudos a terminar, dos projectos a cumprir, de todos os medos que ele podia ter da ideia de fixar-se. Tinha de ir para longe, o Verão chegara, tinha de fugir deixando para trás muitos quilómetros só para nadar no mar e voltar para lhe fazer ver o corpo todo bronzeado e como estava queimada a raiva, os desejos por cumprir, por formular. Queimados pelo sal.

E agora a carne a dissolver-se depois de se tornar fibra e eu dissolvendo-me com ela e todos os discursos ensaiados, ele e eu, eu e ele, a mesma velha história, o mesmo velho sonho de lutar juntos contra todos os moinhos de vento e injustiças. Se possível com uma criança atada num pedaço de tecido à roda dos ombros e sempre connosco, para onde quer que fôssemos, como uma canção da *juke box*.

Olhámos para a mulher que se aproximara da mesa e que parecia agora muito velha com os cabelos tingidos de preto e vestida de vermelho. Era uma actriz conhecida, os olhos tinham-se tornado agora escuros e enrugados como pequenos ramos de árvore, como um cenário da sua imortalidade mumificada.

Olha minha querida, disse. Onde estão os nossos amigos chilenos, aquele actor que fazia o papel de mendigo, aquele professor que queria tão desesperadamente voltar ao Chile?

Regressaram, respondi. Não tenho notícias deles há meses. Não creio que sirva de alguma coisa escrever-lhes, sabes, há países onde não há correios e mesmo se ali há um talvez tenha tido de esconder-se ou fugir. Claro que estou preocupada com Alex, era um magnífico mendigo, ou judeu, ou Príncipe, da Dinamarca.

Yvonne, chamava-se Yvonne. À quoi sert une chanson si on est désarmé, me disaient des chiliens, bras ouverts, poings serrés? – cantava. Para que serve a canção se estamos desarmados, diziam-me chilenos, braços abertos, punhos cerrados.

Mas não havia ainda essa canção, ainda não, durante muitos anos. Os olhos dela tornaram-se verde-líquidos, a voz mais rouca. Já não importávamos, ele e eu, só um punhado de questões no meio da sala, onde estão os nossos amigos, que sabes tu, não ouviste as últimas notícias? *Allende ist gestürzt worden*, disse, quase cantou, agora na língua materna. Parecia falar todas as línguas e nenhuma, parecia ter nascido no meio do nada e dessa terra de ninguém podia apaixonar-se por um lugar ou mesmo um país onde nunca tivesse posto um pé, só porque as pessoas dali pareciam trazer os corpos inflamados para transportar ideias pelas ruas, pelo mundo.

Não havia véu, nem internet, nem facilidades de comunicação, nem fanatismo religioso, nem prognósticos futuros, só um grande cepticismo, paixão, discussão – e depois essa frase.

Allende ist gestürzt worden, wusstest du es nicht?

Não, não sabia.

Era tão confortável viver com uma parca medida de coisas para mover a roda da grande crítica, para estudar tudo ao mesmo tempo, trabalhar tudo ao mesmo tempo e não dar contas acerca do que se ia fazendo. Os contadores de histórias de dedo espetado haviam de vir mais tarde, e também os véus do fanatismo, e também a rapidez das comunicações globais, e também a confusão de ideias entre esquerda e direita, e também as memórias das canções heróicas desaparecidas.

Bom, pareces não saber muito mais do que eu, disse por fim, e saiu da pizzeria onde nos encontrávamos quase todas as noites com as esperanças por dizer e as críticas por calar.

Olhámos um para o outro, ele e eu. Nem sequer pude perguntar-lhe se gostaria de dar uma volta de bicicleta pelo bosque, as cores de Outono haviam de surgir em breve e o cheiro ácido dos cogumelos. Não deixaríamos pedras, nem migalhas, nem sementes, nem ideias parecendo frescas pelos caminhos do bosque. Guardaríamos apenas algumas imagens que nos permitiriam ficar humanos e suportar rugas na cara. Aquela mulher tinha a face de Allende, a única face de que consigo agora lembrar-me.

Linha 33

Ia pela sombra, de luvas, na mão um cesto pesado com aba e um pano aos quadrados que não condizia com o minucioso *piéd de poule* do fato, saia e casaco em dois tons de castanho pela rua fora, o cesto também não condizia com as luvas cremes; e a figura andava paralela ao autocarro ali embargado no trânsito por uma descarga de carnes, penosas massas de fibra que pareciam não ter deixado de sofrer, a porta frigorífica que se abria e fechava e voltava a abrir e voltava a fechar, com uma poalha congelada à volta dos ombros ensanguentados de tanto tronco morto. A figura parecia hesitar, arrastava-se muito perto dos corpos grossos, que carregavam ao ombro os torsos esfolados.

Pensou: Vou chegar tarde.

Chegar tarde aonde? Era o seu dia livre e a liberdade estendia-se à abertura do tempo disponível naquele transporte, ali posto para quem tivsse todo o tempo do mundo e não tivesse de apanhar o primeiro táxi certo, de relógio em punho e agenda inquieta. Ana gostava de se imaginar como uma encarnação livre e sorridente do racional, do linear. De vez em quando, em dias livres como aquele, fazia concessões ao tempo, deixava em branco o quadradinho da agenda, dobrava e curvava as suas linhas rectas e dava-lhes voltas labirínticas, com bancos, com paragens. Mas as carnes a descarregar, volumes ainda em nervo e sangue, apagavam todos os labirintos que pudesse imaginar. A cidade tornava-se opaca, como se estivesse a ser riscada por um lápis de cera.

E anacrónica. Para onde iria a senhora que parecia sair de uma loja de tecidos a metro onde há anos se ficava horas a dedilhar amostras, a conversar com o empregado que aconselhava modelos de saias, blusas, casacos, redingotas, uma ou outra calça só para as férias. Tudo de uma época que durou várias gerações mas que agora parece apagada, metida numa caixa de chapéus. Ana lembra ouvir as duas avós contarem das grandes saídas que terminavam num invariável lanche, os bules cromados de chá, o prato de bolos que se trazia para escolher e se levava quando as senhoras se servissem, tudo isso faria agora o horror de inspecções sanitárias segundo normas europeias. Por vezes o avô materno fazia-lhes companhia e só muito mais tarde Ana compreendeu (o avô tinha morrido antes de contar-lhe) que o chá e os bolos eram por vezes o seu biombo. Ao abrigo do chá e dos bolos, o avô observava com aquele perfil de águia as mesas onde poderiam estar os possíveis delatores, levantava a voz para falar das brincadeiras dos netinhos, das notas pouco merecidas dos netinhos, dos dentes dos netinhos quando tudo

era pura ficção e ela sabia-o porque só ela existia, como neta de notas brilhantes e calvário dos dentes preso a um aparelho corrector. Mas nada disso ela sabia, só o saberia mais tarde, quando desdobrou sozinha os papéis do avô.

A senhora deu meia volta com o cesto, como se tivesse esquecido qualquer objecto importante e tivesse de regressar a casa. Mal tinha desaparecido a senhora do mapa, a rua principiou a encher-se de uma coreografia nova, com manchas vivas que dançavam frenéticas, como se quisessem esquartejar o que já tinha passado por todos os sacrifícios, o de nascer inseminado, o de vegetar limitado, por vezes mesmo amarrado, a uma superfície viscosa de urina e fezes, medida para criar carne, o de morrer drogado de hormonas e tédio, sem ter aspirado o restolho das campinas de Verão. O de ser animal para comer.

O autocarro avançou, corpo pesado, para longe dos gritos da coreografia.

E ainda restavam as cartas do avô, as cartas para o avô, muita letra desconhecida e para ela difícil de decifrar. Ou em frases tiradas a um tecido, a um contexto que ela desconhecia, frases como Falhei. Mas seria possível não falhar? A assinatura de um certo Cornelius não lhe parecia genuína, o correr da linguagem era feminino e o nome devia ter sido masculinizado, na melhor das hipóteses, latinizado. Qual a diferença entre uma e outra forma de mensagem truncada, mutilada mas ainda assim tentando servir-se de um canal possível, viabilizando esse canal ao mesmo tempo que ele era aberto? Uma carta de amor que mesmo assim se envia, uma carta política que desafia as leis da gravidade da censura? Ana lembra como a avó a levava pela mão para irem buscar o avô à faculdade de Direito, que ficava no fim daquela linha mesmo antes de ela existir, antes de ela ser dada por extinta.

Avançavam no átrio e na maior parte das vezes o avô ainda não tinha descido do gabinete. Ficavam ali a compor-se mutuamente, a olhar quem passava, professores e alunos, todos alinhados nos cabelos e nas gravatas, pastas de cabedal, vozes veladas. A avó ajustava-lhe o laço nas costas do vestido, a fita na trança. E quando o avô descia, tinha quase sempre uma pequena história para contar, de um aluno que ficava mais tempo a conversar com ele e a transmitir-lhe mais dúvidas a pretexto de as tirar, mas isso o avô não dizia e Ana só o intuía mais tarde. O avô era um belo homem, muito alto para a época e para o país, Ana sempre o conheceu grisalho, de óculos finos e mãos esguias, voz nasalada. A avó tinha principiado por estudar filologia clássica e depois sido actriz, vontade de pisar comédias e tragédias com voz própria, há muito tempo, parecia ter perdido muito da sua capacidade de representar. Melhor, deixava-a a meio,

na zona do silêncio e da reserva, já não a trazia à zona da alegria encenada, da banalidade quotidiana e fluida. Dava explicações de latim a meninos desatentos mas que traziam pontualmente o envelope manddsado pelos pais.

Com a mãe a rodopiar nos tecidos das saias, em vestidos herdados da avó e reajustados à sua figura, Ana quase juraria nessa idade que as mulheres tinham nascido para se tornarem árvores vivas, dançantes. Com a tia a lamentar-se pelos cantos fora, Ana quase juraria na mesma idade que as mulheres tinham nascido para cantar eternas lengalengas doridas. Essa contradição tomava corpo quando o vulto negro da tia vinha almoçar e desfiar ladainhas. Tia, és viúva, perguntou Ana um dia, enquanto lhe escorregava a faca das mãos ao descascar uma laranja. Isso não se pergunta, cortou a mãe. Ana julgou perceber que ela disfarçava o riso.

O autocarro soluçou, guinou, estancou.

Gritos lá fora.

Uma mulher vestida de cores ciganas abanava o condutor, É verdade que vão acabar com esta linha, como podem fazer mais uma coisa dessas? – julgou Ana perceber. Mas não eram esses os gritos, eles vinham de fora e eram mais fortes. Lembra-se do que dizia o avô: Mulheres, mulheres nesta terra, só sabem guinchar. Era então que a avó lhe respondia: Vem da força do útero, *hysteria*, são as mulheres que têm essa energia para te alimentar e vestir. Ana, intrometida, Lá estão vocês a discutir. O avô: Não estamos a discutir, estamos a falar. O gato espreitava e brincava com as franjas do sofá, em guarda. A avó seguia, resignada, para os dicionários e as declinações.

Alguém altercava lá fora, e forte, diante do hospital pediátrico. A criança, salve-se a criança, ouviu Ana dizer com um sotaque estrangeiro. A mãe salomónica nos limites da voz, como se quisesse fazer um esforço de ressonância para chamar as câmaras de um canal privado e manter-se assim viva no aquário da imagem? Ana fora educada para não ser curiosa, pela mãe, pela tia e pela avó, por mulheres que levavam o dia a tagarelar curiosidade num circuito em espiral, labirintos, rabos de porca, e propagavam as ondas na cozinha às criadas. Não lhe apetecia sair embora o autocarro não se movesse um milímetro. Havia ali pessoas para acudir ao mal do mundo que se anunciava lá fora, uma mesa de operações urgentes, uma câmara mortuária, lenços para chorar, o círculo fechava-se e as energias das mulheres iriam para outro lado, contrariamente à mãe e à tia que não tinham passado de conversas veladas, mas que sabia ela? Ana nascera noutra autocarro, na fronteira, quando a mãe e o avô tinham resolvido trazer para casa a avó que fugira com um primo latinista. Rosae rosae rosas, rosarum rosis rosis. Mais

tarde Ana ouviria esse tango, fascinada antes de saber a parte ínfima da história. Mas podia imaginar o resto. Queria ficar-se pela imaginação.

Os gritos feriam agora o vidro, estavam quase a parti-lo, temia Ana. Mas em vez disso tudo se fez escuro e lá fora começou a ouvir-se uma música, de um instrumento que convidava a dançar. O autocarro entrou dentro da sala, num escuro de veludo sombrio, Dá-me o prazer desta dança? O prazer ou a honra? Quanto mais cerimonioso o discurso, mais gato escondido com o rabo de fora. O avô avançava contra o seu rival, primo direito da avó e como ela de uma família situacionista e ao contrário dela farejante de desejos de caça aos opositoristas. O autocarro roda finalmente, numa das últimas viagens para a antiga faculdade do avô, Ana imagina o jogo das escondidas que ela nunca tivera de fazer, que pena. Dá a mão à avó e recosta-se no último assento do autocarro.

O rosto riscado

1

A casa de Judite ficava para lá do último muro. Tinha de passar-se por um terreno de pedras e ciprestes, erva curta e rapada pelos rebanhos. Estava um dia de sol depois de ter chovido. A respiração sentia a humidade aquecida, as plantas a crescer na terra molhada.

O último troço tinha de ser feito a pé, vindo pelo lado mais íngreme. Custava a quem tinha solas sensíveis às pedras. Tínhamos subido a calçada, ainda de jeep, Jo e eu, tínhamos passado por um labirinto de ruas na aldeia do vale onde os carros cabiam a custo. A rua da sinagoga. A rua da mesquita. A rua de Maria Virgem Mãe. As escolas confessionais em pedra calcária e em pleno funcionamento. Ouviam-se por detrás dos muros gritos riscados e cruzados nos recreios, risos e fúrias e choros, de giz e de vidro, quer se percebesse ou não a língua.

Vinham depois lojas, algumas com portas fechadas, outras abertas ou mesmo com montras sem vidros, modas e frutas ao pó, couros pintados com penetrante cheiro, um café muito antigo com o odor mantido fresco. Algumas pessoas a passar, muitos homens sentados, alguns puxando fumo diante do café, outros com um copo de chá e uma colherinha de prata.

Era a hora em que as mulheres começavam a sair das portas, algumas de braço dado, para irem buscar as crianças às escolas. A escola da sinagoga. A escola da mesquita. A escola de Maria Virgem Mãe. Falavam e gesticulavam, atravancavam as ruas e não queriam deixar passar os carros cheios de pó dos pais mais abastados. Um deles esperava, silencioso, de vidros fumados descidos, para dirigir-se à escola cristã.

Nas janelas das casas, os olhares espiavam-se. Uma mulher com cerca de cinquenta anos, óculos grossos e cabelo pintado, desceu a cortina da janela e convidou a entrar outras que estavam na rua. Só uma acedeu, a medo, porque estava grávida e não aguentava o peso do corpo e dos cestos.

2

Jo falava, falava, - Que pena que se tenha que guardar os templos e proteger os cultos à mão armada. É tudo o que resta da liberdade religiosa, acrescentou mordaz.

- És judeu, perguntei-lhe.

- Acho que fui, respondeu, agora sou judeu e árabe e sei lá mais o quê (e ria muito, com dentes brancos invejáveis, para mim incompreensíveis com o eterno cigarro ao canto da boca),

- Como assim?

- Muito simples, comecei a estudar a minha árvore genealógica. Peguei aos meus primos essa curiosidade, fiz que estudassem comigo, como sabes não tenho irmãos, e foi assim que a família se entreteve a descobrir parentescos remotos e histórias que só podes reconstruir como quem cola fragmentos de papiro, muito escassos, com grandes espaços em branco. Quantas famílias cruzadas, quantos criptocultos, quantas inquisições, quantas migrações e filhos ilegítimos. Ao contrário de muita gente que parece que tem de passar por martírios para justificar o direito de pertencer a uma tribo, para ser protegido por um clã, nós divertíamo-nos com esses bisavôs miscigenados e que davam um quadro final muito pouco ortodoxo. Com histórias de incestos, de adultérios, de exogamias para encobrir endogamias, de sangues impuros, de ilegitimidades disfarçadas, de criados mais afilhados mais crianças adoptadas, de barrigas escondidas em túnicas por cima umas das outras. Se fores ver, também na tua família têm de aparecer uma série de avós colaterais. Como se tivesses quatro braços, podes ter cinco ou seis pares de avós.

- E Judite no meio disso tudo?

- Ela própria que te explique. Há quanto tempo não a vês?

Nem eu sabia já ao certo. Saímos da zona das ruas. Jo estacionou o jeep num parque improvisado de terra batida e subimos em silêncio, talvez imaginando um caminho entre as pedras.

Estávamos a chegar ao muro, com os sapatos magoados na encosta dos ciprestes.

Passámos o portão electrónico e chegámos à fachada de pedra, sempre com aquela porta de madeira trabalhada, castanha por fora e branca por dentro. Jo rodou a chave e conduziu-me por um corredor que dava para os quartos.

O primeiro quarto estava quase vazio, com um tapete à espera de pouco mais, uma almofada, uma tigela, uma manta. Mais almofadas às horas de dormir. Um recipiente de barro para água fresca. A comida talvez viesse envolta em folhas grossas, figueira ou papel pardo.

Passámos várias portas ao fundo umas das outras, os quartos sucediam-se, contei sete ou oito, com as paredes de cores gretadas e a sujarem-se de cinzento, tapetes com

motivos escuros no chão, cortinados de cores da terra até chegarmos ao último quarto, à última parede no fundo sem porta.

Uma mulher encostada a um número irregular de almofadas, vestida de tecidos sobrepostos, cabelo cinzento curto, olhos azuis intensos, parecia esperar e ter sessenta anos. Por momentos, fechei os olhos e tentei lembrar a pessoa que conheci muitos Verões atrás.

- Sei ao que vens, Jo disse-me. Senta-te, isto está desarrumado e daqui a bocado ainda vai estar mais, os outros foram para o jardim mas já vão regressar. Serve-te de fruta, eles vão trazer mais.

Mais.

Era esta a Judite de agora, sem o lenço nem as pulseiras nem as tranças que lhe tinha na memória, primeiro viva e depois das fotografias. Jo tirou um pêsego que logo lhe escorreu da boca num sumo amarelo. - Donde vêm estes pêsegos, das nossas terras? – Talvez, foi a minha filha que os trouxe.

Virou-se para mim. – Senta-te, continuas de pé a aumentar a sombra, que queres saber desde que nos vimos pela última vez? A sério, senta-te. Nada disto me pertence já, se é que me pertenceu alguma vez, sou como uma refugiada entre os refugiados que aqui vêm ter. Mas quem tem crianças vai ficando por causa das escolas – e a minha filha está grávida.

Acrescentou: Não peço às pessoas que esqueçam donde vieram, apenas que contem histórias nem que as inventem no momento.

Parecia de repente cansada, muito mais velha; olhava para o tecto de madeiras pintadas em verde escuro e eu acompanhava-lhe o olhar até ao branco sujo das paredes. A luz da janela marcava-lhe as rugas e o perfil fino, o nariz direito, a curva da boca ainda carnuda. Tapou o cabelo curto, mesclado, com uma écharpe colorida. – Sabes, envelheci finalmente. Deixei de pintar o cabelo, de reagir à pressão dos anos quando via uma raiz branca no meio da cor, quando tinha de presidir a reuniões ou de fugir quando me perseguiram, no tempo em que fomos muito ricos e esta casa estava sempre aberta, sem portas electrónicas nem senhas, apenas puxávamos os trincos porque estava sempre alguém. Mas nada disto importa agora. Senta-te. Aqui todos são livres de sair. Mas temos de controlar as entradas.

Não me atrevia a dizer-lhe que não queria saber mais nada, mais do que já sabia. Arrisquei uma ponta, a medo.

- O meu irmão –

- Qual deles? O que partiu em criança com os teus tios para estudar piano no estrangeiro e que não vês há anos ou o outro que –

- Como sabes? (cortei-lhe)

De repente era ela que parecia cercar-me mesmo na sua imobilidade, ali nessa luz da tarde e eu só podia fugir-lhe aproximando-me dela com perguntas; as sombras entravam pela janela de vidraças antigas, o plátano lá fora ainda tinha todas as folhas, estavam presas aos ramos mas já não pareciam crescer deles. E Judite a ajudar a chegada de mais memórias; eu continuava de pé mas era ela quem dominava. Era mesmo desse irmão que eu lhe queria falar? Bastava desejar um tempo em que nos sentíssemos libertos da obrigação de contar segredos, cenas íntimas, como se quiséssemos construir pontes que sabíamos nunca chegar a uma margem. E eu sempre de pé, sem nada resolver. Como se sentar-me fosse o último sinal de submissão àquela mulher.

- Senta-te, não gosto de falar para cima.

Tinha mudado de tom, passava a mão na seda comida de uma grande almofada e não a aflagava, antes alisava-a à força.

- Admiro as pessoas que sempre tiveram coragem para deixar o cabelo mudar de cor. Levei anos a arranjar razões e argumentos, até perceber que deixar de o pintar era como desistir das portas electrónicas.

Aquela conversa não tinha nada a ver com ela nem comigo e ambos sabíamos isso mesmo, como se tivéssemos vontade de suspender as verdadeiras perguntas, de as empurrar como uma parede pesada com as mãos nuas.

- Que sabes sobre o meu irmão?

- O que todos mais ou menos sabem sobre o famoso pianista. Não serve de nada perguntares mais porque se o voltasses a ver era possível que não o reconhecesses. Muitos vêm para aqui precisamente para não serem reconhecidos. O que posso dizer-te é que temos no antigo estábulo uma sala de concertos onde há um piano, não sei quem continua a afiná-lo, só sei que são muitos os que nele praticam todos os dias, a todas as horas. Quantas vezes adormeço, de dia e de noite, ao som de improvisos. E quantas vezes acordo ao som de repetições teimosas, de alguém que parece não encontrar saída para os acordes, ou tenha esgotado as improvisações. Algumas notas são geniais, a maioria é insuportável, outras são como piano-bar, ajudam a dormir sem nos picarem a memória ou as entranhas. Por que não vais lá abaixo e não dás uma volta por aí para ver quem está cá na quinta? Ou então pergunta a Jo.

Judite parecia responder a perguntas que fazia a si própria e depois bloquear as respostas. Podia aproximar-me dela, respiração contra respiração, até que ela deixasse de sentir suspeitas, ameaças, e me contasse o que tinha acontecido - há quantos anos? Mas Jo regressou entretanto, tinha saído sem ruído de junto de nós e durante todo aquele tempo em que Judite e eu trocámos insinuações com voz velada não identifiquei a voz dele lá fora, na escadaria do terraço, entre a saída e o regresso e as outras vezes que ora riam, ora praguejavam.

As vozes subiram entretanto de tom. Cheguei à janela e vi uma pequena multidão a discutir animada no terraço. Ninguém tinha armas, apenas gargantas arranhadas em várias línguas. Uma mulher tentava separar dois homens, que ora gritavam ora riam.

Tirou o lenço da cabeça e estendeu-o no chão, pedindo que agarrassem aqueles dois – Burros a ferver, disse a rir. Saltou para cima do lenço, que desdobrado parecia uma toalha de mesa, e chamou as crianças que estavam perto para fazer uma roda, rápida em cima do lenço a enrolar-se, mais rápido, abrindo os tornozelos e a blusa larga, mais veloz, desafiando as crianças ao puxá-las, de tal maneira possessa que ninguém parecia poder segurá-la.

De dentro, por debaixo da minha janela, alguém gritou – Venham jantar.

3

Neste momento sinto-me como Jo, que parece feliz por saber ainda como se trata uma mãe pouco mais velha do que ele, com um beijo na testa e ironia em dose cautelosa. É então que vejo como o Verão está a acabar, como já não há tempo para conjecturas sobre a cor do cabelo porque que resta muito trabalho para fazer se quero aceitar o convite para ficar aqui por uns tempos, ajudar Judite e o filho a ouvir e registar os relatos de quem chega, de quem tem e de quem não tem, porque não pode ter por tudo o que viu e ouviu, qualquer sentido de jogo, porque traz a memória pesada de quem se esconde de todas as câmaras e de todos os registos, de quem gostaria de passar o resto da vida a escrever cartas, mesmo que não saiba a quem as enviar, ou a bordar panos para criar um território próprio, ou sentado numa cadeira virada ao contrário, com os braços apoiados no espaldar e a olhar para um horizonte imaginário, ou a mexer o açúcar com uma colherinha de prata, empurrando a colher contra a resistência dos talos da hortelã, esmagando algumas folhas amolecidas com a fervura.

4.

O amigo e a amiga, que há anos me trouxeram ao convívio de Judite ainda sem saberem que aquela quinta tinha sido dos meus bisavós, não estão cá agora. Tínhamos jantado juntos, os quatro, rido das descobertas do mundo pequeno, dos territórios sobrepostos, herdados ou comprados, pouco importava. – Aparece quando quiseres, tinha dito Judite ao despedir-se, com um abraço de perfume forte. Naquela noite ainda pintava o cabelo.

E nada mais posso fazer do que arrumar as imagens que me deixaram, com a janela aberta aos bichos que saem da terra em noites de lua cheia, com o cheiro a maresia e o barulho das ondas, tudo ao longe. Quis ficar só a pensar naquele estranho encontro. E não sabia se procurava um irmão ou apenas memórias, mesmo sem saber quais.

Nada a fazer, tinha de recorrer à dona da quinta, Judite, historiadora, endinheirada, temporariamente paralisada naquela espécie de cama, dizia ela. Tentava parecer animada, mas Jo suspeitava de uma doença que ninguém sabia diagnosticar.

- Logo volto a poder sair. Entretanto, ajuda-me com os arquivos.

Decidi ficar ali por uns tempos, a pretexto de reconstituir a história da minha família na casa que nos tinha pertencido. Judite consentiu, na condição que eu fosse ajudar Jo a levar e buscar as crianças às diferentes escolas.

Passei então a madrugar, a entrar em guerras de cabelos no escuro, de roupas que os adultos tinham de alisar pela manhã, cada escola tinha o seu preceito, a sua cor, a sua gola engomada, o seu feitio de pasta, a sua língua para os livros escolares. E mais as batalhas das colheres, das tigelas, antes de vestirem os uniformes. Nenhum dos miúdos percebia inglês à data em que comecei a dividir essa tarefa com Jo. Aprenderam palavras de quatro letras como quem apanha pedras e passaram a misturá-las com os sons guturais que as mães lhe tinham ensinado com o leite. Quando Jo e eu passávamos ainda no escuro, as mãos das mães já levavam muito trabalho de pão e as roupas traziam marcas de farinha. Jo sacudia o pó com palmadas em cadência, entoando canções que eu ajudava a terminar, porque as únicas letras comuns eram aquelas que tínhamos de improvisar, mesmo com palavras impróprias ou abstractas. Marcávamos com elas os passos, pois descíamos a encosta a pé, de mãos dadas para não escorregar nas pedras sem caminho. Os miúdos levavam a sério a tarefa de olhar pelos mais novos e estavam sempre a passar rasteiras aos mais velhos, que me pediam lições em várias línguas que eu não entendia.

- Que é isso? perguntava-lhes com gestos e lá me explicavam nas línguas que eu ia aprendendo, com a ajuda de Jo que as sabia todas. Pedia-lhe que não se precipitasse como intérprete, que me deixasse adivinhar.

Só agora me dou conta de como nunca deixávamos que a boa disposição fosse apagada pelo que quer que acontecesse à nossa volta.

5.

Judite mostrou-me uma fotografia. - A minha avó, disse.

Uma mulher bonita, cara regular, pele tão acetinada quanto se pode ver nesse preto-e-branco, olhos escuros, dois lenços finos e compostos no cabelo, um de gaze preta e o outro por cima da testa com estrelas a brilhar às luzes do estúdio. Um cântaro ao ombro mas não em pausa de trabalho – apenas a pousar, a pegar num cântaro com a pose estudada a sugerir que se oferece, mas só a sugerir.

Contou-me a história dela.

A fotografia tinha algumas décadas, estava embrulhada em papel vegetal que era preciso abrir com cuidado, levantar com a ponta das unhas. Via-se que o cântaro era um mero requisito. Já havia nessa época água canalizada na região onde a foto foi tirada e o olhar do fotógrafo colava-se às feições, às mãos no cântaro, aos lenços sobrepostos. A rapariga fora casada em criança.

Nada nos impedia de especular: até era possível que tivesse ganho algum afecto ao marido, que não era o avô de Judite. Deixava-se fotografar às escondidas dos homens da família, levada pela mãe, pelas irmãs mais velhas e matronas, pelas tias. Todas se revezavam no estúdio para que lhes fossem tirados retratos individuais. Algumas pousavam com cântaros de diferentes barros, outras com animais vivos, outras com instrumentos musicais.

Só ficou aquele retrato, riscado porque marido obrigou o fotógrafo a inutilizar o negativo, ao segui-la uma vez pela rua da mesquita.

Mais tarde o fotógrafo revelou o negativo riscado. Entretanto, o marido tinha morrido num incêndio por ter adormecido com o cachimbo aceso enquanto ela ajudava as irmãs mais velhas a tratar dos sobrinhos, duas casas mais abaixo na mesma rua, a lavá-los antes de irem para a cama. A mulher com o cântaro que nunca levou à fonte, riscada sob ameaça por uma mão que provavelmente apenas lhe terá tocado com a ponta dos dedos no queixo ao corrigir-lhe a pose no estúdio. Saida voltou a casar com o avô de Judite, um judeu vindo de uma aldeia das estepes para o litoral. Trabalhava de dia e estudava

de noite enquanto a mulher tecia tapeçarias junto do berço onde dormia o filho primogénito, pai de Judite.

A mulher bonita cria de repente ramos à volta dos olhos, deixa correr líquidos diante da cara e fica ali prostrada, com um cântaro que nunca levará à fonte, com uma imagem truncada e doce, com riscos feitos a contragosto e parecidos com cabelos grossos, com franjas de cortinado, com cicatrizes deixadas por algum felino bravo. Talvez o fotógrafo quisesse preservar a sua mera existência, ou evitar que o seu próprio estúdio fosse incendiado.

- Parece-se contigo, disse-lhe por mero acanhamento.

- Tens o direito de achar o que quiseres, foi a única resposta que ouvi dela e mesmo assim dita num fio de voz, antes de me fazer um sinal para sair.

6.

Só ficam os retratos, diz Judite. No princípio e no fim são os retratos, continua. No princípio para serem tirados, no meio para serem mirados, revirados, sujos com dedadas, e no fim para serem destruídos e aumentarem a inquietação das memórias remexidas. Ou o nosso ódio aos espelhos.

Preferiria que Judite contasse menos histórias e falasse mais daqueles anos em que nos conhecemos melhor. Mas falar disso implicava também uma travessia pelo envelhecimento, pelas barreiras e esconderijos por que tinha passado, pelo que tinha em comum com muitos dos que ali habitavam, e com eles também os anos em que esteve fora do país, arriscando perder a herança daquela propriedade porque ninguém a encontrava. Entretanto os meus bisavôs tinham morrido, os avós de Judite também, a bela Saida e o persistente Samuel que chegou a advogado. Os papéis que legitimavam a propriedade tinham-se perdido. Em pilhagens, em abandonos vários.

Jogávamos um jogo de trocas: silêncio contra silêncio, hipótese contra hipótese, especulação contra especulação, antes de as luzes se apagarem, de as janelas se fecharem, de os reposteiros pesados se correrem. E depois ela pedia-me que cantasse naquela língua em que eu não corria nenhum risco ao improvisar porque os avós dela haviam morrido sem a ensinarem aos pais, enquanto eu podia deixar correr os dedos durante horas à luz de duas ou três velas baixas pelas cordas já muito gastas, porque tinha de cantar num fio de voz. Era então que ela se levantava e voltava a dançar como dizia que tinha feito, anos seguidos, antes de eu a conhecer. Descalçava-se, vestia roupa preta colada ao corpo que depois tinha dificuldade em despir.

- Ainda estamos vivos – dizia-me, colando-se-me ao corpo.
- Ainda estamos inteiros, respondia-lhe, como num eco.
- Ainda podemos dar guarida a outros.
- Até quando?
- Ainda podemos lembrar Saida.

7.

- E o pianista?, insisto.

- Que queres que te conte, desvia sardónica. - Que fugiu um dia com a minha meia-irmã mais nova, que se arriscou numa briga em que quase lhe cortaram dois dedos, a ponto de quase não ser capaz de tocar? A minha meia-irmã era do outro lado do rio, que naquele tempo era fronteira. O registo foi possível porque foram dois registos diferentes, um feito pelo meu pai, outro pela minha mãe que não eram casados. O marido da minha mãe morreu num incêndio e ela voltou a casar, desta vez com o meu pai. Parecia um destino decalcado do da minha avó, só que não casaram, juntaram-se apenas e não foram felizes para sempre. A minha meia-irmã nasceu de uma relação fortuita do meu pai. A minha mãe adoptou-a, via-se que queria uma nova boneca de companhia, agora que eu era crescida.

Essa história já eu sabia de cor e até conhecera alguns dos protagonistas. O que me interessava era aquela avó que peregrinava todos os dias para o estúdio, às ocultas do marido, para deixar-se fotografar, para quem?

Entretanto, tinha de aceitar a hospitalidade de Judite, o desafio que ela me punha sempre, desde que eu era criança e ela adulta, desde que eu a admirava, escondida atrás das portas, ao vê-la arranjar-se para sair, desde que lhe cobria os alibis para que as mães e as tias descobrissem os paradeiros, desde que lhe apagava todos os rastos e assegurava às mães e às tias que sim, que se fossem deitar porque Judite tinha de estudar para os exames, com amigos. Sabia que participara, noutros tempos, em reuniões clandestinas, que as saias de seda e os saltos altos eram antes disfarces, por detrás de uma suspeita de grandes pecados, de outras actividades que não convinha que ficassem sabidas.

Quantos anos fiquei sem vê-la?

8.

Madalena, chama ela apanhando um momento de distração.

Bastar-lhe-ia voltar a cabeça e dar-se a conhecer, mas aguentou o momento.

Tantos momentos deserdados e desalojados, este era apenas mais um – e não ia deixar-se levar pela ilusão de voltar àquele abrigo afinal tão familiar. Vencida a estranheza dos muros exteriores, que não eram ainda do tempo dos avós, tudo voltava ao seu sítio. Dirigia-se à cozinha para ver pelo menos um par de mãos a arrumar os cestos debaixo de uma mesa de pedra, a cortar legumes, a tirar carnes de um alguidar. As matanças eram todas lá fora, quando muito só se ouviam os últimos gritos dos animais quando alguma porta ficava aberta e as crianças não tinham sido tiradas dali a tempo.

Madalena, insistia Judite, com a voz cada vez mais baixa, cada vez mais grave.

Não podia permitir-se ceder. O amigo de sempre estava longe.

9.

A. Prometeste contar-me como tudo começou.

B. Tudo o quê, o que levou à destruição daquele lugar, o que aconteceu depois, o que está a acontecer agora? Sempre tive medo de passar por lá e agora imaginamos quanto tempo estive com as portas rebentadas, as escadas a ceder, a pintura das varandas estalada, as vidraças partidas, o cheiro a lixo e a roupa por lavar, a suores, excrementos, urinas, cinzas frias, trapos velhos. Mas sabes que não era só isso, que se vivia bem em certas zonas da casa. Nem se tinha a sensação de se estar num mundo encardido, antes a viver dias leves em que se esquecia tudo o resto ou tudo o resto nem sequer existia, que as pessoas davam festas e se visitavam, que punham os melhores panos nas janelas. Esses que as mulheres bordavam, meses e meses de olhos gastos e dedos roídos, para voltarem a lembrar-se que tinham tido uma terra. Enchiam os tecidos com os pontos de cruz cerrados.

A. Mesmo nesse bairro destruído?

B. Não estava assim tão destruído. As ruas eram estreitas mas as crianças brincavam com bicicletas partidas, mesmo que não andassem serviam para mover muita imaginação que naquelas idades anda sempre armada. Claro que as armas existiam, não só na imaginação, não só de noite. Mas escondiam-se sempre por altura dos cultos, aí ninguém as via embora se soubesse que estavam lá, por debaixo dos fumos, dos panos, das rezas, das comidas.

A. Não só naquelas idades, lembro que a minha mãe adorava lançar confusões e ofereceu-nos, a mim e ao meu irmão num dos Natais, uma pistola e um boneco nos pacotes que deu a cada um. Tinha eu três anos, o meu irmão cinco, foi a primeira memória que ficou, a primeira grande dúvida, a primeira alegria. E agora ele já cá não está.

B. Não sabemos. Digamos que não está connosco.

A. Pronto, não está connosco. Dizer que não está não quer dizer que não possa ser encontrado ainda num sítio qualquer. Ou que apareça sem se fazer anunciar. Tu e eu sabemos isso, já passámos por isso várias vezes. Voltando ao meu irmão. O que sei é que ele me deu logo a arma e o boneco, era um boneco e não uma boneca, um adolescente de cabelo encaracolado de nylon cor de cobre, fato de riscas, mas nada disso lhe interessava. Foi a primeira vez que o vi correr para o piano como se tivesse vindo do deserto, ou de uma prova de esforço, e procurasse uma fonte. Mal chegava com os pés ao chão. Talvez por isso sempre tocava mais tarde sem pedais. Mas és tu que deve contar, não eu. És tu que vens de longe e chegaste há pouco tempo, vejo que ainda não desfizeste a mala.

B. Não preciso de a desfazer, a roupa e os objectos que lá estão dentro servem para a próxima viagem, não sei quando vai ser mas creio que está para breve. A roupa está limpa, não cheguei a usá-la porque fiquei logo preso no primeiro dia, preso com tarefas urgentes que nem sequer me deixaram ir à casa onde estava hospedado, fiquei ali e dormia quando dormiam, comia quando comiam, pouco, bastava, desde que alguém estivesse a chamar-me.

A. Como naquela primeira viagem que fizemos de comboio?

B. Queres dizer quando fugimos sem bilhete de volta? Há quantos anos foi – no tempo da ditadura – e quando nos arrependemos não havia maneira de avisar ninguém rapidamente, era preciso descer numa estação, fazer votos para que o comboio não voltasse a partir tão depressa mesmo depois de se ter conversado com o revisor, era relativamente fácil fazer dele o nosso cúmplice se lhe contássemos qualquer história, esperar pela ligação manual, por todas essas linhas que demoravam séculos com as telefonistas a ouvirem tudo. E depois era só preciso um telefonema e os nossos pais lá estavam para nos socorrer, para mandar dinheiro rápido desde que voltássemos. Éramos muito protegidos, sabíamos que havia censura, mas sentíamo-nos soltos à mesma, era inevitável naquela inconsciência das idades, de quem não tinha uma vocação distinta

como nós parecíamos não ter. E entretanto o teu irmão estudava, repetia sempre, tocava piano em qualquer superfície mesmo sem piano. Como o admirava.

A. Agora dizem que alguém o fez desaparecer, querem fazer um inquérito com base nos recortes de jornais, nos programas de concertos, nos discos que gravou. Mas algo me diz que foi ele próprio que se fez desaparecer, que vive agora com uma identidade refeita, talvez mais à medida do seu desejo de fuga, num desses países onde se pode sobreviver a distribuir pizzas, a dar lições de língua, de piano, tudo depende da idade. Sempre me disse que preferia viver de expedientes a ver-se preso em espaços limitados por quaisquer famílias, teias, compromissos. Tudo isso o mordida e voltava sempre a aparecer-lhe.

B. Era assim que ele falava?

A. Mais do que isso. Era assim que tocava.

10.

- És teimoso, não és? insistia Judite. – Que me serve dizer-te que não sei se o teu irmão ainda está aqui? É mais que provável que tenha ido embora, farto do que para muitos é uma prisão, um espartilho, um sufoco. Aqui se nem todos podem entrar, todos podem sair como sabes – e depois voltar. Mas o teu irmão nunca teve jeito para partilhar fosse o que fosse, ainda que nunca quisesse nada para si. Contentava-se com o que havia, espreitava todas as oportunidades de chegar-se a qualquer piano. Vinha tocar aqui na sala ao fundo, ao fim da tarde, nem sequer me sentia ali quando eu ia ouvir as suas improvisações. Nenhum de nós batia à porta para entrar porque nem ele entrava para além do piano nem eu além de um canto escuro ao pé da porta, sentada numa manta que havia dobrada no chão. Quantas vezes fiquei acordada aqueles acordes tão estranhos, quantas vezes ele se punha a tocar a meio da noite, a meio de uma conversa, a meio de um dos actos que partilhei, tantas vezes surda, tantas vezes cega, mas sempre um fio de piano que parecia lá longe.

- Faz-me muita falta muito agora, acrescentou em voz quase imperceptível.

- Mais do que ao irmão, quase aposto.

11.

Parece-me que Madalena está cá outra vez. Cola-se a Judite de uma maneira beata, ou tudo dá para encontrar distrações lá fora. Eu não, prefiro deixar-me cair num dos quartos e dormir não sei quantas horas. Venho cansado de todo o mundo que tenho de atravessar para chegar àqueles quartos que já nem são oásis.

Acordei ao som de uma disputa de vozes em línguas que não se entendiam. Nem eu as entendia. Não me apetecia ir à janela para mostrar-me mas ao ouvir um gutural Mág-dá-lé-ná não resisti a espreitar. Apontei para o vazio e em resposta alguém me abriu as mãos. Sabia que se tentasse protegê-la podia desafiar Judite, os seus secretos favores e afectos. Saí da moldura da janela.

Fui-me deixando ficar no quarto que Jo me tinha apontado e que tinha uma estante até ao tecto com livros encadernados. Tirei um ao acaso e algumas folhas soltaram-se. Vi um ex-libris do meu bisavô e a sua assinatura. Edição de autor.

Comecei a ler: Esta é uma história verídica, mas que se passou numa terra longínqua: Encontrei-a manuscrita num caderno que me foi confiado pela família em cuja casa me hospedei quando fui correr mundo e passei por países que só podia percorrer a pé.

Aqui ainda os cadernos contam, penso. Quanto tempo mais? Olho o computador que trouxe na mochila e que desempacotei, mais o cabo para ligar à corrente. Mas voltou a haver falhas de luz e é melhor deixá-lo repousar enquanto abro um caderno atrás do outro, ávido daquela letra redonda com hastes inclinadas, apontadas a um céu imaginário e a uma terra que não se queria deixar. Pego no candeeiro a petróleo, rodo a chama com muita precaução e coloco-o numa mesinha ao pé da cama que Judite me destinou.

12.

Passo vezes sem conta os olhos pelos papéis soltos, em folhas sem paginação, escritas só de um lado, tentando guiar-me pela numeração de cada fragmento e pela continuidade de sentido entre a última frase de cada página e a primeira da página seguinte. Há quantos anos? Conheço bem de mais aquela letra, vi-a brincar em criança e já nessa altura se encantava jogar jogos perversos, com uma mansidão que arrepiava, com uma doçura pegajosa que minava quem alimentasse a memória da sua presença – ainda hoje. Sufocava Judite com a baba doce da emulação, mas sem o efeito letal que muitas ficções exageram, ao reforçarem os efeitos somáticos de aflições da alma, dos desgostos e inquietações infligidos. Creio sim que Judite adormeceu uma noite sem

saber que nesses momentos de sono o seu coração frágil, a sua beleza sempre palpitante, esguia e inquieta e já envelhecida pela sorte dos que dela se aproximavam, iria fazer o resto dos cafés e cigarros.

Lembro o seu perfil de veado sereno, dormindo sempre.

A outra lá estava no dia seguinte, barata escura de peitos transbordantes e ancas largas, sentada sobre a pequena estatura e chorando lágrimas sinceras pela falta do seu alvo de corrosão.

Lembro-me como lhe peguei no pulso até ela soltar um grito de dor e eu de raiva por não saber livrar-me daquela parasita adúltera. Quis fazê-la sair a correr dali mais o banquinho que trouxera, a pretexto de amenizar as dores nas costas numa vigília que ela se prometera ser prolongada, com intervalos para ir buscar chá à cozinha. Mas a surpresa tinha a ver com memórias mais antigas, com um cheiro intenso que senti naquele olhar suado e golpeante através das lágrimas que ainda hoje creio terem sido sinceras. Larguei-lhe logo o pulso ao perceber que tinha, numa noite mais funda mas não menos viva, roubado o perfume a Judite para se entranhar onde eu dormia depois de ter feito várias centenas de quilómetros, passando por inúmeros controlos e barreiras, para resgatar uma família a pedido de Judite. Trouxe crianças e mães famintas, os pais tinham desaparecido, todos de olhos tristes e comportamento pisado, precipitando-se para a panela de sopa que estava sempre lá para apagar a fome mais urgente.

Ainda me tinha sentado com eles, tentado fazer de intérprete entre as várias línguas guturais que tinha aprendido e esquecido também. Continuámos com gestos e acabámos a rir. Eu sabia que Judite não os mandaria embora se eles não quisessem. Bastava que as mulheres tivessem mãos para bordar ou tecer superfícies artesanais, pernas para ir comprar as linhas e as lãs, para que Judite lhes propusesse ficar para irem memorizando e esquecendo o que tinham passado. Sim, tudo era transitório. Sim, porque um dia ela teria de entregar a quinta a proprietários que a iriam reclamar por antiguidade. De novo a sombra de Madalena. Mas naquela noite eu estava apenas a entreter aqueles seres assustados à roda da mesa e a descobrir uma vez mais, deslizando para o cansaço que impede o sono, como tudo se torna simples nos jogos de mímica e palavras inventadas ao calor da sopa.

Horas mais tarde, estava a dormir profundamente quando o perfume de Judite me acordou os membros que deram voltas com aquele corpo, envolveram e penetraram naquela carne ampla, com fúria, sempre a dormir para não ter de recordar o que mais tarde surgiu como logro e confusão. Continuei a dormir, continuei a esquecer.

13.

- Promete-me que continuas a levar as crianças à escola quando eu já cá não estiver.

Prometi-lhe e tentei cumprir, até as escolas começarem a ser destruídas, uma por uma, mais por incúria do que por qualquer ataque de uma das milícias que por ali se cruzavam. E as crianças fugiram também dali para as milícias e para longe das mães, que foram ficando à espera de que elas as viessem ver um dia ou as levassem.

Ficou de pé a cozinha, agora só com o forno de lenha.

Restamos Jo e eu, agora com as mulheres que se juntam para bordar um único pano, enorme, feito de fragmentos suturados.

Jo anda pela quinta e pelo que ficou de floresta. Dizem que muito em breve as autoridades agora instaladas vão declarar aquela zona terra de ninguém e militarizá-la.

Nas paredes nuas do quarto de Judite, recolho o que resta dos seus papéis e fotografias. Não me ocorre porém nenhuma legenda para aquele retrato de olhos e faces riscadas, de cântaro ao ombro e olhando fixamente para um ponto muito além da câmara.

Nota

Este volume reúne textos escritos entre 1986 e 2010, sendo os últimos três inéditos e os restantes publicados dispersamente e reescritos na sua totalidade.

Lisboa e Penedo, Agosto de 2010